

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATRINA – UFSC
CENTRO DE DESPORTOS – CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

MARÇAL GIESE WILHELM

EDUCADOR: “FACILITAMOR” E/OU “FACILITA A DOR”

Florianópolis, 2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATRINA – UFSC
CENTRO DE DESPORTOS – CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

MARÇAL GIESE WILHELM

EDUCADOR: “FACILITAMOR” E/OU “FACILITA A DOR”

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, no Curso de Educação Física do Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da UFSC.

Orientador: Prof. Carlos Luiz Cardoso

Florianópolis, 2007

TERMO DE APROVAÇÃO

MARÇAL GIESE WILHELM

EDUCADOR: “FACILITAMOR” E/OU “FACILITA A DOR”

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Educação Física, no Curso de Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso

Membro: Prof. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela

Membro: Prof^ª. Ms. Verónica Alejandra Bergero

Florianópolis, 2007

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	01
1.1-Problematização e Justificativa.....	01
1.2-Objetivos.....	04
1.2.1-Objetivo Geral.....	04
1.2.2-Objetivos específicos.....	04
1.3-Perguntas norteadoras.....	04
2-REFERENCIAL TEÓRICO.....	05
2.1-Facilitador e facilita a dor.....	05
2.2-Educação Física.....	11
2.3-Se movimentar - nova concepção da cultura de movimento na escola.....	12
2.4-Mudança de paradigma na Educação:.....	15
2.4.1-Concepção Crítico-Superadora.....	15
2.4.2-Concepção de Aulas Abertas às Experiências.....	16
2.4.3-Concepção Libertadora.....	17
2.5-Tempo-espaço.....	19
2.6-Formação de professores no curso de Educação Física.....	21
3-METODOLOGIA.....	25
3.1-Tipo de pesquisa.....	25
3.2-Instrumentos de coleta de informações.....	25
3.2.1-População e amostra.....	25
3.2.2-Observação.....	25
3.2.3-Memorial descritivo do diálogo do pesquisador consigo mesmo.....	27

3.3-Interpretação dos dados.....	27
4-DISSCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	28
4.1-2005/2 – 1º Bloco.....	30
4.2-2005/2 – 2º Bloco.....	35
4.3-2006/1 – 3º Bloco.....	43
4.4-2006/1 – 4º Bloco.....	47
5-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
6-REFERÊNCIAS.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição das Observações de Aula.....	28
Quadro 2 – Facilitador.....	28
Quadro 3 – Facilita a dor.....	29
Quadro 4 – Facilitador e Facilita a dor.....	29

AGRADECIMENTOS

100 agradecimientos.

RESUMO

Essa pesquisa tem como o objetivo de compreender a oscilação na relação entre o educador e educando, que denominamos de ‘facilitador’ e ‘facilita a dor’. Nesta busca observamos aulas dos estágios curriculares do curso de Educação Física e as interpretamos com o auxílio da técnica da hermenêutica caracterizando as posturas de ‘facilitador’ e ‘facilita a dor’ na adequada interpretação dos relatórios de aulas e suas situações pedagógicas. A verificação da relação tempo e espaço no interior do processo ensino-aprendizagem também foi destacada, a superação das limitações encontradas nesta relação pelos educadores que pode ser a passagem da dimensão de tempo e espaço, 3ª e 4ª dimensões respectivamente, para a dimensão espaço-temporal, 5ª dimensão, foram estudadas. As novas concepções educacionais da Educação Física também tiveram ênfase nesta pesquisa, sendo que os dois estágios estudados tiveram com concepção didático-pedagógica as Aulas Abertas às Experiências. Estes novos paradigmas da Educação Física podem construir uma relação diferente entre os seres humanos envolvidos nas aulas.

Palavras Chave: ‘Facilitador’, ‘Facilita a dor’, Tempo e Espaço, Espaço-temporal, novos paradigmas.

INTRODUÇÃO

1.1 – Problematização e justificativa

A presente pesquisa tem como interesse, verificar as oscilações que ocorrem durante as aulas de Educação Física, entre o que denominamos “facilitador e/ou facilita a dor”, nas turmas do ensino fundamental do Colégio de Aplicação (4ª série) e da Escola Municipal Pe. João Alfredo Rohr (5ª série), realizadas durante os Estágios Curriculares, do Curso de Graduação em Educação Física da UFSC, nos semestres 2005/2 e 2006/1, respectivamente.

Na minha biografia como estudante do ensino fundamental, principalmente a partir da 5ª série, o incentivo ao esporte foi destacado. As aulas de Educação Física eram muito mais uma tentativa de aulas de esportes do que propriamente educação do físico e suas possibilidades. Aprendi a realizar lance livre no basquete, arremesso com efeito no handebol, saque no vôlei, chutes e passes no futebol. Mas não era essa a questão que gostaria de colocar aqui e sim, a questão destas modalidades esportivas serem praticadas sem haver nenhuma reflexão sobre elas, e ainda, o professor reforçar um modelo ‘agressivo’ de educação onde, a negação de si e a negação do outro aparecem como elementos essenciais dessas práticas esportivas.

De que forma se constitui um modelo ‘agressivo’? O excessivo incentivo à vitória é um desses elementos, pois se há vencedores, há perdedores, ou outro exemplo, o jogo necessariamente acontece para os mais aptos e habilidosos, enquanto o professor fica ‘berrando’ à beira da quadra com os outros: “vamos correr! Tem que dar o sangue para ganhar!”, ou “vamos lá, tem que ajudar o time se não vocês vão perder!” e estes praticamente nem tocam na bola, e no final do jogo ele (professor) diz para aqueles que

mais fizeram gols, pontos ou foram importantes para a vitória de seu time: “parabéns, jogaram muito bem!” ou “gostei de ver!” e para o outro time “tem que se esforçar mais, senão nunca vão vencer!” ou “viu como aquele lá fez, tem que fazer igual!”. Com isto não estou querendo dizer que o esporte não deva ser um tema trabalhado nas aulas de educação física, pois escolhi esse curso muito por ‘amar o esporte’, mas o foco que é colocado nele (esporte) desde cedo, no meu ponto de vista, está equivocado. A escola não é o lugar para o descobrimento de atletas para o rendimento em direção ao Modelo Olímpico.

A escola tem o compromisso de proporcionar a formação dos indivíduos de determinada comunidade onde ela está localizada, auxiliando-os a tornarem-se cidadãos. Portanto, a escola tem essa meta de mostrar as possibilidades que as áreas do conhecimento da Educação Física podem abranger e não resumí-las a um conhecimento esportivo específico. Existem outros campos, como por exemplo, artes circenses, artes marciais, corporeidade, dança, expressão corporal, jogos, atividade física visando a saúde e outros. O tempo e o espaço da aula de Educação Física é um momento oportuno para muitas experiências, então outras atividades também podem ser experimentadas e vivenciadas nessas aulas.

Quando lemos as palavras espaço e tempo, temos a tendência de levar nossa compreensão para a dimensão física tridimensional (três dimensões - altura, largura e profundidade), como por exemplo, a quadra poliesportiva como fator limitante do espaço, ou o tempo de 45 minutos por aula como limite para seu término. Mas o que esta pesquisa pretende verificar, não é se a quadra poliesportiva é o espaço ideal e/ou se o tempo de 45 minutos (ou uma hora, ou uma hora e trinta minutos, ou ainda, duas horas) é o tempo adequado para a aula de Educação Física, e sim, como a participação do professor, sendo o orientador (líder) da aula, limita, segundo Cardoso (2002), as possibilidades do “tempo interior em aberto” tanto dele como dos alunos.

As três dimensões citadas acima já não bastam para a compreensão do ser humano no processo didático-pedagógico, pois as faculdades humanas estão nestas e além desta tridimensionalidade citada, como por exemplo, o sentimento, as emoções e o pensamento

podem estar em planos dimensionais mais sutis. Para que essas faculdades possam se manifestar em sua plenitude, o professor de Educação Física buscará ter uma nova compreensão do que é espaço e tempo. Por isso, vamos buscar ajuda nos novos paradigmas da física quântica (noção espaço-temporal das dimensões supra-sensíveis) e na compreensão da eliminação do tempo psicológico, na obra de Krishnamurti & Bohm (1985); e na biologia do amor e do brincar (*autopoiesis*) de Maturana & Verden-Zöllner (2004).

A Educação Física na escola é a disciplina onde os educandos vêm a possibilidade de estar brincando com muitas outras crianças sob a orientação de um ser humano “facilitador” da brincadeira (o educador). Mas este (educador) também pode assumir a postura daquele que acaba com a brincadeira, pois, ao se sentir autoridade neste tempo e espaço de aula, busca o controle dos acontecimentos e dos comportamentos dos educandos, passando da postura de “facilitador” para o autoritário que “facilita a dor” na atividade que deixou de ser uma brincadeira. Não se está querendo dizer que o professor não deva usar de sua autoridade para proporcionar a ordem, e assim, fazer com que as atividades e os descobrimentos individuais e coletivos da aula ocorram com sucesso. O professor deve usar de sua posição de “líder” para facilitar o desenvolvimento e a construção das atividades e dos descobrimentos propostos por ele mesmo, ou melhor, de construção mútua entre educando e educador. Deve ter a clareza de que suas ações servem para o desenvolvimento do tema (problemática) da aula e não para a frustração dos educandos, que trazem a expectativa sobre aquela que é, muitas vezes, a única disciplina escolar onde o espaço não é determinado por quatro paredes, uma carteira e um professor ‘falante’ à sua frente.

Sendo a Educação Física a disciplina que “tira” os educandos das carteiras e leva-os para um espaço mais amplo, a responsabilidade do professor aumenta. Não no sentido dele estar controlando os educandos para que não corram, não se arranhem, não suem, não toquem uns nos outros e/ou não tenham pequenos machucados, e sim, no sentido de que ele (educador) tem o dever de proporcionar momentos de experiências significativas da corporeidade, e conversar sobre estas experiências após a prática de jogos competitivos e cooperativos, indagando os alunos sobre quais emoções e atitudes estes jogos

proporcionam? Tem diferença? Como é tocar e ser tocado? Será que todos sentem o toque da mesma forma? Será que através da indagação anterior não é possível entender melhor o planeta e os outros seres humanos que o habitam? Como cada um se sente após um grande esforço? Todos sentem da mesma forma? Respeitando o tempo interior de cada um, teremos paz no mundo? Respeitar o outro não é se respeitar, e ainda, respeitar a diversidade? Muitas outras possibilidades de compreensões pedagógicas que aparecem numa aula de Educação Física escolar poderiam estar integrando esta seqüência de indagações.

1.2 – Objetivos

1.2.1 – Geral

Compreender a oscilação das posturas de ‘facilitador’ e ‘facilita a dor’ que o educador pode estar assumindo em diferentes momentos da aula e ao longo do processo didático-pedagógico nas aulas de Educação Física.

1.2.2 - Específico

Discernir momentos didáticos de ‘facilitador’ e ‘facilita a dor’;

Destacar a importância do brincar;

Entender o que é o ‘amor’ no interior do processo ensino-aprendizagem;

Compreender as dimensões de tempo e espaço nas aulas de Educação Física;

1.3 – Perguntas norteadoras

Quais emoções e atitudes os jogos cooperativos e os competitivos proporcionam?

Como brincar numa aula de Educação Física?

Respeitando o tempo interior de cada um, teremos paz no mundo?

Respeitar o outro não é se respeitar, e ainda, respeitar a diversidade?

Será que as limitações de tempo e espaço no âmbito escolar, são realmente determinantes para as possibilidades de desenvolvimento do ‘tempo interior em aberto’ de cada participante da aula?

2 – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1-Facilitamor e facilita a dor

(Dê um peixe a um homem que ele não passará fome por um dia, mas, ensine-o a pescar que ele não passará fome pelo resto de sua vida).

Filme: Quase virgem.

Para começarmos a dialogar sobre essas palavras ‘facilitamor’ e ‘facilita a dor’, é de fundamental importância esclarecer qual é o significado e o que representa o amor e o brincar. E para isso teremos como referências os livros de Humberto R. Maturana e Gerda Verden-Zöllner (2004) com o título de Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia e a obra Aos Pés do Mestre, de Jiddhu Krishnamurti (s.d.).

Brincar não é uma atividade pensada, planejada e com qualquer obrigatoriedade, pelo contrário, ela é livre, espontânea, com alta dose de imaginação e sua única intenção está nela mesma. Os seres humanos que estão na fase adulta têm dificuldades de brincar por medo, e o medo nada mais é do que uma emoção proporcionada por uma projeção do futuro, que os impede de viver o momento presente, por exemplo, tendo os seguintes pensamentos: o que vou ganhar com isso? O que será que os outros vão pensar de mim? Será que vou conseguir ser melhor que o outro? Será que conseguirei fazer do jeito que o outro faz? São condicionamentos colocados pelo ser humano adulto antes mesmo da brincadeira começar, pois nela há apenas uma condição que é estar em íntimo contato com a natureza interna do ser, que pode ser chamado também, estar em estado de amor consigo mesmo e com os outros que estão brincando. É isto que caracteriza o brincar, e não movimentos desse ou daquele jeito. Gerda Verden-Zöllner é enfática quanto a isto, dizendo que "...não são os movimentos ou as operações realizadas que caracterizam um

comportamento específico como brincadeira ou não, mas sim a atenção (orientação interna) sob a qual ele é vivido enquanto se realiza." (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.145).

A criança (e todos os seres com essa capacidade) ao brincar, não pensa que está brincando para desenvolver suas dimensões afetivas, motoras, cognitivas e comunicativas, mas o faz. E assim, constrói sua consciência individual e coletiva no relacionar-se com os outros participantes da brincadeira e consigo mesma.

No trabalho com uma menina epiléptica e cega chamada Gabi, relatado no livro Amar e brincar – fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia, a psicóloga do desenvolvimento humano Verden-Zöller (2004), descreve esse desenvolvimento no brincar. Desde suas limitações sensomotoras até a sua total transformação, que acarretou em superar em grande parte suas limitações sensomotoras, parar de tomar medicamentos e receber alta da clínica onde era tratada. Quando a autora encontrou pela primeira vez Gabi, “ela apresentava o desenvolvimento mental de uma criança de dois anos e meio, embora tivesse cerca de sete anos de idade“ (p.180), após 8 (oito) meses de acompanhamento da menina em total aceitação recíproca (Gabi e Verden-Zöller), sua mãe falou sobre suas transformações: “Não sei o que aconteceu, ela agora pode ler e escrever, não precisa de medicamentos e vai ao dentista, a poucas ruas daqui, por ela mesma. Até pouco tempo, ainda era um bebê e não saía nunca do meu lado“ (p.182). O descobrimento da menina de suas potencialidades afetivas, cognitivas, motoras e comunicativas ao brincar com Verden-Zöller, potencializou todo seu crescimento como ser humano, desenvolvendo em um período de tempo curto, habilidades que crianças em sua faixa etária levam em seu crescimento normal anos para aprender.

Neste brincar relatado por Verden-Zöller (2004) podemos incluir exercícios de equilíbrio, ritmo, configurações de movimentos e padrões dinâmicos desenhados em papéis e no chão (que a autora chamou de signos ou estruturas espaciais elementares). Pode-se argumentar que se tratando de exercícios (atividades), então, o desenvolvimento de Gabi não se deu no brincar, e sim, no tratamento através de uma técnica ou método. Mas é aí que

está o ponto chave. Verden-Zöller (2004) escreve no relato que teve que abandonar todos os métodos psicológicos que tivera estudado, pois nenhum compreendia o que estava acontecendo. Ela escreve que: “Parecia que um poder primitivo, que brotava de uma fonte distinta do usualmente imaginável, se abria de maneira incontrolável na vida dessa vigorosa criança“ (p.181). Deixou-se então usar pela criança, experimentando e vivendo a cada momento aquele momento presente no amor da relação que se construía. Neste relato fica clara a importância da experimentação de diversas vivências da corporeidade e da aceitação recíproca de educador e educando que, neste relato, se fundem. Quem ensina aprende e quem aprende, ensina ao aprender.

Analisando as observações de aulas no Colégio de Aplicação e na Escola Municipal Pe. João Alfredo Rohr aparece o seguinte apontamento: objetivo da brincadeira, conforme foi escrito no parágrafo anterior e reforçada pela seguinte frase "...falamos em brincadeira cada vez que observamos seres humanos ou outros animais envolvidos no desfrute do que fazem, como se seu fazer não tivesse nenhum objetivo externo" (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.144). Fica claro que planejar uma aula de Educação Física com atividades pedagógicas não é na realidade uma aula de brincadeiras como comumente chamamos estas atividades. A brincadeira pode acontecer, mas não necessariamente são utilizadas com este objetivo. Então como brincar numa aula de Educação Física? Uma sugestão para que isto se torne mais próximo da realidade das aulas de Educação Física é a proposta de Aulas Abertas às Experiências, onde a construção das aulas se dá no diálogo entre o educador e educando.

Segundo Maturana (2004), a conservação de uma cultura, que é uma rede fechada conversações, acontece na coordenação de coordenações de ações e emoções de uma comunidade no viver dos seres humanos que a constituem, em outras palavras, é “um entrelaçamento específico do linguajar com o emocionar” (p.34). E a conservação do emocionar no amor é que tornou possível a continuidade e a evolução da espécie humana aqui no planeta Terra. A humanidade somente existe por causa do amor, pois é o que une e proporciona a cooperação entre os seres humanos. Continuando na tentativa da compreensão do pensamento do mesmo autor, este escreve que uma mudança cultural

ocorre quando desaparece ou se modifica a rede de conversações que a constituía geração após geração. Portanto a mudança de uma realidade cultural acontece de fato na conservação do emocional e do ‘linguajar’ das crianças e jovens de determinada cultura.

Continuando o pensamento do parágrafo anterior, então a educação, em todas as suas dimensões, tem a responsabilidade de cultivar e conservar a rede de conversações do emocional e linguajar humano que valorize o amor, a vida, a vontade e a criatividade espontânea. “Em seu desenvolvimento, a criança requer como elemento essencial (não circunstancial) a permanência e a continuidade da relação amorosa entre ela, sua mãe e demais membros da família. Isso é fundamental para o desenvolvimento fisiológico, para o desenvolvimento do corpo, das capacidades sensoriais, da consciência individual e da consciência social da criança” (MATURANA, 2004, p.236-7). Um pouco mais além, veremos que, para Maturana & Verden-Zöllner (2004), a mãe não necessariamente é a mulher que gerou a criança, e sim a postura que um ser humano assume ao acolher e cuidar amorosamente de outro.

O momento presente que vivemos algumas distorções de valores divinos e humanos estão acontecendo, e isto não é diferente com o amor. Em conversas, letras de músicas, livros, programas de televisão e outros meios de comunicações fica evidente a desvalorização e o significado superficial e supérfluo da expressão maior do ser humano, o amor.

Amor e paixão se confundem se vivenciados superficialmente, pois, a paixão é uma expressão do amor. E nesta confusão pode ser evidenciado o sentido que está sendo construído, onde o incentivo está no amor entre dois seres humanos e/ou grupo de seres humanos, e não com a humanidade e o planeta como um todo, ou seja, um sentido minimizado e restritivo. O incentivo do amor em família, casal e pequenos grupos, juntamente com a propaganda e comunicação, através dos meios de comunicação, de ações humanas pecaminosas, como por exemplo, roubos, assassinatos, espancamentos e outras, proporcionam o medo e o desejo por segurança. Conseqüentemente, a busca por segurança e a suposição de prováveis perigos fazem com que o ser humano ame aqueles que

pertencem ao seu grupo e veja no outro que não pertence ao grupo, um potencial de perigo.

Maturana (2004) escreve sobre a relação do emocional humano na cultura patriarcal européia, que pertence grande parte da humanidade atual, e diz que:

Esta se caracteriza pelas coordenações de ações e emoções que fazem da nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade (p.37).

Ações estas que são expressões do amor, mas um amor fragmentado e restritivo, e não holístico e incondicional. Nas palavras de Krishnamurti (s.d.) fica claro que o amor está em tudo “O amor é a força mais poderosa do universo e tudo existe pelo amor. Amor é o ritmo de cada átomo, é o pulsar de cada coração. Amor é o brado da alma” (p. 57). A questão está na amplitude compreendida de cada ser humano do amor, e não se há ou não o amor.

Na cultura patriarcal a vida é vivida na desconfiança, pois, não acreditamos na relação harmoniosa entre ser humano e ser humano, e nem do ser humano e natureza. Assim buscamos convencer e corrigir os outros seres humanos para o que supomos ser correto e legítimo, fazendo o julgamento do que é bom ou ruim para o outro sem levar em consideração suas experiências de vida, e ainda, quando há discordância sobre o que está sendo colocado isto é visto como uma disputa e/ou briga, sendo que nesta cultura a harmonia da relação não pode acontecer em pontos de vista diferentes. E na relação ser humano e natureza a falta de confiança na criatividade do *logos* planetário fica evidente na apropriação de animais para obtenção de alimentos e na divisão de territórios, que assume os dois fatores, tanto na desconfiança do homem com o homem quanto do homem com a natureza, pois se há um território fértil, me aproprio para garantir o alimento, porque pode ser que não encontre outro terreno fértil e se o outro o quiser também, não poderá tê-lo porque já é meu, mesmo que o terreno não esteja sendo totalmente utilizado, ou então terá que pagar por ele.

Na cultura patriarcal não a respeito à diversidade e a sua exaltação como uma

expressão legítima dos seres humanos, a busca está na padronização dos gostos e vontades dos seres pertencentes a esta cultura. Reprimindo e deprimindo assim a expressão saudável e harmoniosa da maior parte dos seres humanos.

Há também uma outra cultura, conforme Maturana (2004), a cultura matrística. Esta cultura recebe este nome com o propósito de conotar a presença mística da mulher, que “implica a coerência sistêmica acolhedora e libertadora do maternal” (p.25). Para este autor o significado da palavra ‘mãe’ tem um sentido mais amplo que ser humano gerador da vida do sexo feminino, a mãe é “mulher ou homem que cumpre, na convivência com uma criança, a relação íntima de cuidado que satisfaz suas necessidades de aceitação, confiança e contato corporal, no desenvolvimento de sua consciência de si e de sua consciência social” (p.263).

Segundo Maturana (2004) os restos arqueológicos da cultura matrística foram encontrados na “área do Danúbio, nos Bálcãs e no Egeu (Gimbutas, 1982)” e sugerem que este povo viveu entre sete e cinco mil anos antes de Cristo. Apesar de não haver acesso direto a essa cultura, os restos arqueológicos sugerem que “...eram agricultores e coletores... não fortificavam povoados, não estabeleciam diferenças hierárquicas entre os túmulos dos homens e das mulheres, ou entre os túmulos dos homens, ou entre os túmulos das mulheres... também é possível notar que esses povos não usavam armas como adornos...”(p.39). Os povos matrísticos viviam em harmonia entre si e a natureza, na confiança que esta proporcionava tudo que era preciso para a vida.

Maturana (2004) sugere que o emocionar na infância da cultura matrística não era muito diferente da nossa cultura atual, onde a convivência se dá na confiança mútua do relacionar-se. Mas na vida adulta, ou na passagem da idade infantil para a adulta, é que as mudanças acontecem, pois em nossa cultura atual o viver está centrado na apropriação e luta, gerando desconfiança e controle em relações de autoridades. E na cultura matrística não existe passagem da criança para o adulto, pois é o fluxo natural do crescimento humano e o emocionar não precisa mudar em detrimento da sobrevivência ou vaidade ter mais ou ser mais.

2.2-Educação Física

A Educação Física escolar brasileira tem a perspectiva educacional de descobrimento de possíveis atletas como projeto nacional curricular. Mas isto chega a soar quase como ‘ridículo’, pois a formação dos professores de Educação Física escolar e a estrutura física e materiais escolares não correspondem ao que é exigido para que aconteça o treinamento das modalidades esportivas e a formação de possíveis atletas. Como vivemos em um país em que a pobreza está presente em grande parte dele e que o ser humano é capaz de ir além de expectativas racionais (barreiras culturais e sociais), que nosso intelecto coloca como possíveis, ocorre em alguns casos que a escola direciona um ou outro educando para os centros de treinamento (clube, escolinhas, clínicas e outros). Mas esta realidade restringe a Educação Física, e o foco de seus esforços se reduz a uma parcela muito pequena de educandos, sendo que seria de muito maior proveito um ‘novo pensar’ e uma nova concepção educacional nesta disciplina curricular. É na escola onde se dá o descobrimento dos educandos, de suas potencialidades física, motora, afetiva, comunicativa e cognitiva; que também seja proporcionado o trabalho em grupo, representando a união e a cooperação; e que a arte de ‘se movimentar’ seja incentivada, com movimentos espontâneos (sem repressões e/ou criticismo), para o embelezamento do nosso planeta; e que se realize a transcendência do paradigma do esporte excessivamente competitivo como “carro-chefe” desta disciplina.

Podemos constatar essa transcendência com a contribuição de alguns pesquisadores da nossa área de conhecimento. Segundo Kunz (1991), “... a Educação Física tem servido, dentro do sistema educacional, mais para reproduzir as contradições e injustiças sociais do que para mudar a situação” (p.132).

Também do mesmo autor,

Ouve-se seguidamente que vivemos numa sociedade de rendimento, que a escola prepara os indivíduos para esta sociedade, portanto aceita suas bases de ensino na questão do rendimento. Os princípios do rendimento são a concorrência e a competição, logo pressupõe a superação/exploração do homem pelo homem, logo pressupõe vencedores (sempre minoria) e vencidos (sempre maioria), logo pressupõe, também, injustiça social e humana (2001).

Segue outro comentário, que diz “[...] que a Educação Física contribua para o desenvolvimento de determinadas competências que não se resumem na competência objetiva do ‘saber fazer’, mas incluem a competência social, lingüística e criativa, sempre de forma crítica” (2001).

Já o pesquisador Cardoso (1988) diz que “Um planejamento pedagógico implica numa transparência participante, porque nossa análise mostrou que existe uma realidade de movimento, que é determinada por regras e normas” (p.40).

E continua dizendo que:

... é preciso mudar a intenção pedagógica do esporte no sentido de criticar as conseqüências motrizes e sociais do movimento. Mas quando a escola é a instituição que confirma e reforça o sistema social capitalista vigente, as possibilidades da educação são reduzidas, porque a educação física escolar só esclarece um conceito do esporte. Conseqüentemente, o professor tem um papel inequívoco no planejamento, pois ele repassa tecnicamente os modelos esportivos existentes (p. 41).

2.3-Se-movimentar – nova concepção da cultura de movimento na escola

O movimento humano tem sido interpretado quase que exclusivamente, como um fenômeno físico baseado nas análises das ciências naturais, pesquisas que normalmente são desenvolvidas para o treinamento esportivo de alto rendimento. Como exemplo, podemos citar a biomecânica que pensa o movimento humano somente como o deslocamento do corpo, ou de parte deste, em um tempo e espaço determinado, ou seja, simplifica e objetiva o movimento humano para fins de rendimento esportivo.

Na escola, a estrutura do espaço físico para as aulas de Educação Física evidencia a normatização e padronização que está ocorrendo no ensino do movimento humano, por conseqüência da excessiva importância à prática esportiva e seu processo didático-pedagógico.

Esta forma de ensino do movimento humano através dos esportes talvez pudesse em

parte ser superada se o interpretássemos como um fenômeno antropológico, sócio-cultural e histórico-simbólico, e com isso haveria um esclarecimento sobre seus valores para com o ser humano e, conseqüentemente, com o mundo. O movimento humano consiste de experiências significativas e individuais, onde as formas destas experiências do indivíduo “realizam sempre um contato e um confronto com o mundo material e social, bem como consigo mesmo” Tamboer (apud KUNZ, 1991, p.165).

Brodthmann et alii (apud KUNZ, 1991) classificou os sentidos-significados que o movimento humano pode ter:

- ⌚ Sentido comparativo: Típico dos esportes normatizados cujo único objetivo é o rendimento, a competição e a vitória esportiva.
- ⌚ Sentido explorativo (exploratório): Manifesta-se nos movimentos com a intenção de conhecer e interpretar objetos materiais pelo seu uso, pelo contato com os mesmos e com o mundo material e social. Neste sentido o movimento realizado não tem a intenção de melhorar especificamente o rendimento esportivo, mas apenas busca explorar novas formas de movimentos e jogos.
- ⌚ Sentido produtivo: O movimento manifesta-se especificamente na produção de obras artísticas e objetos de valor utilitário. Como os materiais usados nas práticas esportivas na Educação Física são geralmente materiais normatizados e padronizados, existe pouco espaço na Educação Física para explorar o sentido produtivo do movimento. Podemos encontrá-lo, provavelmente, muito mais presente na disciplina de Educação Artística.
- ⌚ Sentido comunicativo: Manifesta-se especialmente em atividades-gestos humanos com a finalidade de expressar alguma intenção, saudação ou idéia, enfim, a comunicação corporal. No cotidiano, encontramos este sentido nos gestos de cortesia, de cumprimento, de despedida; nos esportes ele se expressa especialmente nos jogos coletivos. A ação coletiva de impedir um ataque adversário pode realizar-se apenas pelo sentido comunicativo do movimento iniciado por um ou mais elementos do grupo. Mas onde certamente mais se manifesta este sentido é, sem dúvida, na dança, onde ele é intencionalmente explorado. Mas em todas estas manifestações é necessário o conhecimento de um determinado sistema de símbolos e sinais como a base no entendimento da comunicação pelo movimento.
- ⌚ Sentido expressivo: Este se manifesta especialmente pela expressão de emoções, sentimentos, impressões, gestos, atividades esportivas, artísticas, ou pela própria expressão corporal. Movimentos expressivos são assim, um meio de manifestação e exteriorização da individualidade psíquica (p. 166).

Nesta concepção o movimento é analisado do ponto de vista antropológico e integral, devendo o movimento humano ser interpretado como um diálogo entre homem e o

mundo. “O ‘se-movimentar’ do homem é sempre um diálogo com o Mundo” Tamboer (apud KUNZ, 1991, p.174), pois somos e fazemos parte do Mundo. O “se-movimentar” não pode ser interpretado de forma isolada e abstrata, mas sim, inserido numa rede complexa de relações e significados para e junto com o Mundo. Portanto o movimento humano é uma rede complexa de posturas significativas do 'se-movimentar' num contexto.

A intenção com que se executa um movimento é que constitui o sentido-significado dele. Tamboer (apud KUNZ, 1991, p.175-6) classificou em três formas a intencionalidade do movimento:

- 1- A forma direta: que surge com a direta transcendência dos limites, na base de uma intencionalidade espontânea, não pensada. Como exemplo: o primeiro contato, de uma criança, com a bola.
- 2- A forma aprendida: ela surge graças a uma transcendência de limites pela aprendizagem, na base de uma intencionalidade que se forma pela idéia ou imagem do movimento. Como exemplo: praticar o chute na bola buscando experimentar as mais diversas maneiras (de) sua execução, com efeito, sem efeito, a velocidade alcançada pela bola conforme a forma de bater na bola e etc...
- 3- A forma criativa-inventiva: ela surge graças a uma transcendência de limites da maneira inventiva, ou seja, de uma intencionalidade criativa, inventiva. Por exemplo: são lances onde há plasticidade, muitas vezes inesperados.

O contexto sócio-cultural e histórico-simbólico, muitas vezes esquecidos em outras concepções de movimento humano, tem grande significado nesta concepção, pois alguns elementos significativos do contexto social podem ser identificados na relação homem-Mundo via movimento. As três formas de intencionalidade do movimento sugeridas por Tamboer (apud KUNZ, 1991, p.175-6), descritas como transcendência de limites, “só podem realizar-se num contexto social definido, que por sua vez delimita toda ‘condição de possibilidade’ das referidas ‘transcendências de limites’” (KUNZ, 1991, p.177), ou seja, nesta concepção “o diálogo na relação homem-Mundo pelo movimento só pode ser interpretada no relacionamento direto com o contexto social concreto.” (KUNZ, 1991, p.177).

2.4-Mudança de paradigma na Educação:

2.4.1. Concepção Crítico-Superadora

O livro ‘Metodologia do ensino da Educação Física’, publicado por um Coletivo de Autores (1992) é a base desta concepção. A pedagogia na concepção crítico-superadora propõe, não somente o questionamento de como ensinar, mas também sobre como se adquire os conhecimentos da cultura corporal (jogo, esporte, ginástica, dança ou outra expressão corporal), valorizando a questão da contextualização e do resgate histórico.

A Concepção Crítico-Superadora, conforme Coletivo de Autores (1992), é compreendida como um projeto político-pedagógico. “É político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações” (p.25). Esta concepção enfatiza que é fundamental para o educador que tenha claro: “Qual o projeto de sociedade e homem que persegue? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que elege para consolidar através de sua prática? Como articula suas aulas com este projeto maior de homem e de sociedade?” (p.26). Fica evidente que esta concepção tem como metodologia norteadora a visão dialética do materialismo histórico.

Os conteúdos das aulas de Educação Física nesta concepção devem ter relação com sua contemporaneidade e sua adequação às características sócio-cognitivas e históricas dos alunos. A organização do currículo deve fazer com que o aluno confronte os conhecimentos do senso comum com o conhecimento científico, para ampliar o seu conhecimento. O currículo delinea a lista de matérias, disciplinas e/ou atividades que serão abordadas pela escola, e até onde pretende chegar com a reflexão dos conhecimentos abordados. Deve, também, evitar o ensino por etapas e adotar a simultaneidade na transmissão dos conteúdos, ou seja, os mesmos conteúdos devem ser trabalhados de maneira mais aprofundada ao longo das séries (ciclos, conforme a concepção), sem a visão de pré-requisitos.

2.4.2. Concepção de Aulas Abertas às Experiências

Esta concepção está estruturada nos livros *Concepções abertas no ensino da Educação Física, Visão didática da Educação Física – análises críticas e exemplos práticos de aulas e Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física*, cujos autores são respectivamente, Hildebrandt & Laging (1986), Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe/UFSM (1991) e Hildebrandt-Stramann (2003).

A abordagem da Concepção de Aulas Abertas às Experiências propõe, segundo Hildebrandt & Laging (1986), a construção de uma metodologia na qual as aulas possibilitem “a construção de situações em que se tornam possíveis experiências específicas para a superação de situações de vida presentes e futuras” (p.06).

Essa concepção de ensino, conforme os autores, surgiu como uma forma de descentralizar a condução da aula pelo professor, visando maior participação do aluno no planejamento e no desenvolvimento da aula. Para esta concepção, o aluno deixa de ser objeto da aula, para se tornar um sujeito. Assim, por meio das aulas abertas espera-se que os alunos se tornem capazes de viver a realidade escolar com suas múltiplas possibilidades e situações didaticamente preenchidas.

O ensino da Educação Física, mesmo numa concepção aberta, tem um planejamento e um objetivo prioritário, e esse planejamento de ensino é o fundamento existencial da Didática. Deste modo, Hildebrandt & Laging (1986), dizem que o método de aulas abertas tem como características principais:

- 1.Criação de situações de ensino fundamentada numa orientação de ação comum, constituída pela intenção do professor e pelos objetivos de ação dos alunos.
- 2.Neste tipo de ensino da Educação Física, o conteúdo do esporte é determinado como uma presença modificável, de formação e conceituação individual de movimentos, mas concebido com posicionamentos e valores modificáveis.
- 3.O modo de transmitir deve deixar espaço para o jogo de ações, abrindo aos alunos a possibilidade de agirem autonomamente, visando a criatividade, a comunicação e a cooperação. Aqui o aluno se torna sujeito de seu próprio processo de aprendizagem (p.07).

2.4.3. Concepção Libertadora

A Concepção Libertadora foi criada por Paulo Freire. Ela consiste do princípio que “ninguém sabe tudo e ninguém ignora tudo”. Seus pensamentos, sua fundamentação e sua aplicação estão nos livros ‘Pedagogia do Oprimido’ e ‘Pedagogia da Autonomia’. Esta concepção conduz o aluno a ter uma visão crítica da realidade, ou seja, compreender com mais autonomia e discernimento os fatos da realidade.

Na Teoria Freireana os graus de consciência estão classificados por Medina (1983), da seguinte forma:

O primeiro nível de consciência caracteriza aqueles indivíduos incapazes de percepções além das que lhes são biologicamente vitais. Vivem praticamente sintonizados no atendimento básico de suas necessidades de sobrevivência, como: alimentação, relacionamento sexual, trabalho e repouso. Assim, o processo natural pelo qual o homem se hominiza e se constitui em animal capaz de conhecer a realidade fica aqui reduzido às suas necessidades biológicas vitais. Usando uma expressão de Martin Heidegger, diríamos que este tipo de homem se constitui em um “ser-no-mundo” plenamente “possuído pelo mundo”. Esta consciência é chamada **intransitiva** (p.25).

Superado este nível de consciência, aparece a consciência **transitiva ingênua**.

Os portadores desta modalidade de consciência são capazes de ultrapassar os seus limites vegetativos ou biológicos. Restringem-se, entretanto, às interpretações simplistas dos problemas que os afligem. Suas argumentações são inconsistentes. Acreditam em tudo que ouvem, lêem e vêem ou, por outro lado, assumem posições tendentes ao fanatismo. Igualmente aos que possuem a consciência intransitiva, estes indivíduos são dominados pelo mundo como objetos, ou porque não conseguem explicar a realidade que os envolve, ou porque seguem prescrições que não entendem (p.25).

Finalmente, temos o terceiro nível de consciência:

...característico dos indivíduos capazes de transcender amplamente a superficialidade dos fenômenos e de se assumirem como sujeitos de seus próprios atos. Apóiam-se em princípios causais na explicação dos problemas. Eliminam as influências de preconceitos. Percebem claramente os fatos que os condicionam em suas relações existenciais, tornando-se capazes de transformá-los. Esta é a consciência **transitiva crítica** (p.25-6).

Mas é preciso entender que o contexto onde o ser humano se desenvolve, ou melhor, se envolve, tem influência na conscientização do indivíduo, como por exemplo, num estado onde o indivíduo está com fome, é bem provável que sua atenção esteja voltada para suas condições básicas de sobrevivência, mas isto também não quer dizer que este indivíduo esqueceu sua visão de mundo e suas leis internas, em outras palavras, sua consciência, ele apenas está focado neste momento na manutenção de sua sobrevivência. Mas a partir do momento em que todos os dias o indivíduo tem a preocupação de não saber se terá algo para se alimentar, então a transcendência do primeiro grau de consciência fica dificultada. O que estou tentando esclarecer é que os seres humanos, nem todos, passam pelos três graus de conscientização e o que caracteriza se o indivíduo está nesse ou naquele grau é a prioridade que ele (indivíduo) dá à sua vida e às suas condições.

A integração dos alunos (indivíduos) com a aula (comunhão de indivíduos) e o professor (outro indivíduo) deve acontecer, e é esta integração que é a educação. Ela reproduz os valores desejados pelas pessoas. O ato de educar é um ato político e cada indivíduo é um agente da história, por isso, educar requer grande responsabilidade, tanto para quem ensina quanto para quem aprende e isto, ensinar e aprender, nunca podem ser concebido de forma isolada.

A concepção é libertadora, pois, liberta o aluno da relação professor–sabe e aluno–não sabe. As aulas buscam as relações sociais concretas. O educador deve estar se questionando constantemente sobre aquilo que está sendo trabalhado e a forma em que está sendo trabalhado.

Como proposta de construção das aulas, esta concepção apresenta as seguintes fases de preparação do professor para as aulas, segundo Paulo Freire:

- 1 – Investigação do universo temático: Investigação da região aonde se está trabalhando, ou seja, investigação do contexto histórico, cultural e social do local.
- 2 – Levantamento do universo temático: Saber as tarefas do dia-a-dia das pessoas com que se ira trabalhar, o que fazem nas horas de lazer, com que trabalham, seus hábitos e... .
- 3 – Seleção dos temas geradores: Temas norteadores da problematização.
- 4 – Fichas de cultura: Fragmentação coletiva das tarefas de cada um. Escolha e

aprofundamento no tema para uma, posterior, coletividade dos temas, e então, ampliação do conhecimento geral.

O autor da concepção apresenta alguns pensamentos em suas obras como outros colegas seus, a partir de seus trabalhos também o fazem. Vejamos algumas dessas relíquias:

O saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que se sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais. O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura faz e refaz constantemente o seu saber.

Caminhante, não há caminho. Se faz caminho ao caminhar.

2.5-Tempo-espaço

Na busca da compreensão da relação tempo e espaço analisaremos primeiramente cada um destes elementos separadamente, para então buscar a união entre eles que, segundo Cardoso (2004, p. 94), representa a quinta dimensão.

O espaço é constituído de três dimensões, altura, largura e profundidade. Nestas três dimensões se expressam todas as substâncias físicas, que são chamadas de tridimensionais. As substâncias tridimensionais são aquelas constituintes de matéria, dentre elas estão os objetos e sujeitos. Sendo que isto não representa que, são substâncias físicas, aquelas que os olhos humanos possam ver, pois o ar não é visível a olhos nus e possui matéria e estrutura física. Portanto são substâncias tridimensionais aquelas que possuem matéria.

Nas aulas de Educação Física, principalmente em escolas das redes municipais e estaduais de educação, é comum o educador justificar a não realização de determinada atividade pela falta de material e/ou espaço físico inapropriado sem buscar possibilidade que transcendam estas limitações espaciais. A busca de alternativas para estas limitações espaciais pode estar dando um novo norte para o processo didático-pedagógico que está se desenvolvendo se for do interesse e da vontade dos educandos e do educador.

O tempo, segundo Cardoso (2004), é a representação da 4ª dimensão. Ele não

pertence ao domínio do espaço (tridimensionalidade), portanto não é matéria e pode ser diferenciado em dois tipos, um externo e outro interno ao ser humano. O ser humano após perceber que o tempo existia, criou formas de medi-lo, porem são medidas do tempo cronológico, aquele que hoje ‘escraviza’ a maior parte dos seres humanos no seu domínio.

A estrutura da sociedade atual é baseada no tempo cronológico, pois falamos em tempo de trabalho, hora do almoço, hora de dormir, hora de levantar sem realmente sabermos se estamos com vontade de trabalhar, de comer, de dormir, de levantar, porque nossa educação é volta para a percepção das coisas (objetos e sujeitos) externas. Enquanto ações na direção da percepção interior muitas vezes são reprimidas e desvalorizadas até se tornarem patológicas e então o ser que está doente poder ser respeitado.

O tempo é relativo. Quando estamos fazendo algo que nos proporciona prazer, ou dirigimos nossa atenção a alguma tarefa que estamos engajados, a sensação proporcionada é do tempo estar ‘voando’. Assim como, quando estamos em situações de desprazer, e/ou esperando algo futuro (dirigindo a atenção para um tempo que ainda não chegou) ansiosamente, o tempo ‘custa a passar’. Isto indica que, além do tempo cronológico, que é o tempo externo ao ser humano, há um outro tempo, que é o tempo interno, também chamado de *durée* (palavra francesa que tem o significado literal de duração e intensidade) ou ainda chamado de *kairós* (palavra de origem grega utilizada nos escritos do cristianismo primitivo) (CARDOSO, 2002 e 2004).

Schütz (apud Cardoso, 2002) escreve:

...na medida em que são movimentos no mundo exterior, os vemos como eventos que ocorrem no espaço e no tempo espacial, mensuráveis em termos do percurso traçado. Na medida em que são vivenciados também a partir de dentro, como mudanças que ocorrem como manifestações de nossa espontaneidade pertencentes à nossa corrente de consciência, eles participam do nosso tempo interno ou *durée*.

Portanto a transcendência do tempo e do espaço forma, o que Cardoso (2004) chama a 5ª dimensão ou espaço-temporal, pois, o tempo e o espaço não são mais determinantes para a experiência, e sim o estado interno do ser humano que vivencia tal

experiência.

2.6-Formação de professores no curso de Educação Física

Para a compreensão da formação de professores no curso de Educação Física foi necessária a leitura e interpretação do projeto político-pedagógico do Curso (2007), encontrada no site, <http://www.portalcds.ufsc.br/arquivos/Projeto%20Curso%20de%20Licenciatura.pdf>.

Conforme o mesmo,

A UFSC tem por finalidade produzir, sistematizar e socializar o saber filosófico, científico, artístico e tecnológico, ampliando e aprofundando a formação do ser humano para o exercício profissional, a reflexão crítica, a solidariedade nacional e internacional, na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e na defesa da qualidade de vida.

No curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, a divisão entre Licenciatura e Bacharelado se deu no ano de 2006. Sendo que para a pesquisa, analisaremos a parte que cabe à formação de professores, ou seja, a Licenciatura. A Licenciatura está dividida em 8 (oito) fases de ensino, onde cada fase tem a duração de um semestre, com a carga horária total do curso de 3.222 horas/aulas e devendo ser cumprida em 8 (oito) anos no máximo, podendo haver o jubramento (perda da matrícula) em caso da não aprovação em todas as disciplinas neste período de tempo.

No currículo das disciplinas sugeridas para cada semestre pelo projeto político-pedagógico do curso, na sétima fase há a possibilidade de escolher entre três aprofundamentos, Esportes, Educação Física Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Física Especial.

O objetivo geral do curso de Licenciatura em Educação Física é de formar profissionais qualificados capazes de atuar em instituições públicas e privadas relacionadas com a educação, básica e profissional, de Educação Física. Já os objetivos específicos do Curso (2007) são os seguintes:

__ Formar professores orientados por valores éticos e sociais, próprios de uma sociedade plural e democrática, para analisar a realidade social e nela atuar como agente de transformação no âmbito dos estados atuais e emergentes da cultura do movimento humano;

__ Formar professores capazes de compreender o papel social da escola no que diz respeito ao processo de sociabilização e de ensino-aprendizagem nas suas relações com o contexto da prática e do sistema educativo, participando coletiva e cooperativamente da elaboração, gestão, desenvolvimento e avaliação do projeto educativo da escola;

__ Formar professores que acompanhem as transformações acadêmico-científicas e sócio-culturais da Educação Física e áreas afins, que contribuam para a socialização de conhecimentos e na reflexão sobre a própria prática docente;

__ Formar professores capazes de discutir, fundamentar e justificar a presença da Educação Física como componente curricular na escola;

__ Formar professores que dominem os conteúdos da Educação Física que serão objeto da intervenção docente, adequando-os ao espaço e tempo escolares, compartilhando saberes de diferentes áreas do conhecimento;

__ Formar professores comprometidos com os valores inspiradores da sociedade democrática, que implica em respeitar a diversidade cultural na tomada de decisões metodológicas e didáticas.

Como podemos observar nos objetivos específicos, e por se tratar de um curso de habilitação em licenciatura, este curso é baseado na formação de educadores que compreendem o movimento humano, e toda sua amplitude, como o conhecimento específico desta área do conhecimento científico. Para ficar mais clara as dimensões que abrange o movimento humano estudado, os eixos curriculares do Curso (2007) de Educação Física da UFSC estão estruturados da seguinte forma:

__ Dimensões Biodinâmicas do Movimento Humano: Conhecimentos sobre o ser humano nos aspectos morfológicos, fisiológicos e biomecânicos;

__ Dimensões Comportamentais do Movimento Humano: Conhecimentos sobre mecanismos e processos do desenvolvimento humano, contemplando, entre outros, aspectos motores, aquisição de habilidades e fatores psicológicos intervenientes;

__ Dimensões Sócio-Antropológicas do Movimento Humano: Conhecimentos filosóficos, antropológicos, sociológicos e históricos que enfocam aspectos éticos, culturais, estéticos e epistemológicos;

__ Dimensões Pedagógicas do Movimento Humano: Conhecimentos de fundamentos didático-pedagógicos, princípios gerais e específicos de gestão e organização escolar, e intervenção profissional no componente curricular Educação Física na educação básica e profissional;

__ Dimensões Científico-Tecnológicas do Movimento Humano: Conhecimentos sobre técnicas de estudo e pesquisa;

__ Dimensões das Manifestações da Cultura do Movimento Humano:

Conhecimentos das diferentes manifestações e expressões da cultura do movimento humano nas suas formas de jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas, lazer, recreação e outros;

— Dimensões Técnico-Funcionais Aplicadas ao Movimento Humano: Conhecimentos articuladores dos fundamentos teórico-metodológicos e a intervenção profissional no âmbito das diferentes manifestações e expressões do movimento humano.

O eixo curricular que corresponde diretamente à formação de professores é o que compreende a dimensão pedagógica do movimento humano, sendo que a carga horária é de 936 horas/aulas divididas em 17 (dezessete) créditos teóricos, 7 (sete) créditos práticos e 28 créditos de estágio correspondendo ao percentual de 26,8% do total de 3480 h/a. Portanto representa pouco mais de um quarto do total do curso, sendo que com as disciplinas optativas pode-se aumentar um pouco este percentual correspondente as disciplinas pedagógicas.

Neste curso é defendida a idéia de formação continuada onde, "o professor não é um produto acabado, mas um indivíduo que se encontra em contínua formação num processo permanente de desenvolvimento profissional". E, baseada nos seguintes princípios::

- 1)Autonomia – as ações de formação necessitam permitir o exercício permanente de reflexão autônoma, no que diz respeito aos problemas enfrentados na prática docente, às tomadas de decisão requeridas e a respectiva avaliação das suas conseqüências;
- 2)Realidade – as ações de formação necessitam basear-se em situações e problemas concretos da realidade profissional da atividade docente, ou seja, centrado no cotidiano escolar;
- 3)Instrumentalização do conhecimento – as ações de formação buscam fomentar a aquisição de teorias (componentes disciplinares) e modelos explicativos das situações pedagógicas, que constituem referenciais para subsidiar a intervenção docente. Há também a preocupação com a aquisição e/ou aprofundamento de competências profissionais e o desenvolvimento pessoal do sujeito;
- 4)Articulação da teoria e da prática – as ações de formação baseiam-se num movimento dialético entre teoria e prática, que mutuamente confrontam-se e complementam-se para permitir o avanço, tanto do conhecimento quanto da eficácia da intervenção pedagógica (resolução dos problemas e a escolha de vias alternativas);
- 5)Participação e cooperação – as ações de formação reconhecem que ninguém se forma sozinho, mas desenvolve-se em grupo com os demais envolvidos, especialmente através de projetos comuns de formação. Os docentes formadores atuam como facilitadores na estruturação das situações de aprendizagem, onde os participantes assumem os papéis de formadores de si próprios e dos próprios colegas.

3 – METODOLOGIA

3.1 – Tipo de pesquisa

A pesquisa foi construída, conforme Gil (1986) de forma exploratório-descritiva, tendo como base investigativa um corte qualitativo. Portanto, como eixo central do resultado que esta pesquisa indicar, não permitirá a generalização do resultado para todas as realidades pedagógicas existentes, e sim para a realidade estudada, ou seja, no âmbito do Colégio de Aplicação e da Escola Municipal Pe. João Alfredo Rohr nas aulas de Educação Física de 4ª e 5ª séries, respectivamente.

3.2-Instrumentos de coleta de informações

3.2.1-População e amostra

A amostra se constitui de turmas escolares com as quais tivemos contato durante as etapas das disciplinas curriculares de Prática de Ensino I e II, no curso de Educação Física (período de 2005/2 e 2006/1). Vários foram os locais de observações de aulas ao longo deste curso, no entanto optamos por selecionar duas delas: 5ª série da Escola Municipal Pe. João Alfredo Rohr e 4ª série do Colégio de Aplicação, visto que os materiais para as interpretações das aulas observadas estavam mais organizados e de melhor acesso para a pesquisa.

3.2.2-Observação

A observação é o mais antigo dos instrumentos de coleta de dados para a pesquisa

científica, sendo também o instrumento mais utilizado, tanto nas pesquisas de corte qualitativo, quanto quantitativo. É muito comum vermos as expressões: observando, do ponto de vista, tendo o olhar, focar o olhar e outros. Nas pesquisas acadêmicas, a observação pode não se utilizar apenas do sentido visual, sendo que os outros sentidos (audição, tato, olfato, paladar e a intuição) também podem estar presentes na coleta de informações, aparecendo como observação ou como auxílio à observação.

Para que possamos utilizar a observação como uma ferramenta confiável para a pesquisa científica, Negrine (1999) diz é preciso treino, já que a observação é uma tarefa que requer a utilização de processos mentais superiores, tais como: a atenção, a percepção sensitiva, a memória e o pensamento.

A intenção da utilização da observação para o auxílio desta pesquisa é de observar o educador na sua atuação em aula. Focar o olhar nos seguintes momentos: 1) onde o educador direciona sua atenção para um educando ou um grupo de educandos; 2) as atitudes do educador frente à turma; 3) como é o início e o término da aula; 4) mudanças de situações durante a aula (passagem de uma atividade à outra); 5) a postura do educador frente ao não respeito às regras e normas das atividades propostas por ele e da escola; e 6) quando o educador facilita ou dificulta o processo de ensino-aprendizagem.

Esses questionamentos foram norteadores para as observações realizadas durante os estágios da prática de ensino, e que nos quais, nos propomos a desenvolver aulas de Educação Física fundamentadas na Concepção de Aulas Abertas às Experiências e com a ajuda dos jogos cooperativos no trabalho realizado na Escola Pe. João Alfredo Rohr.

3.2.3-Memorial descritivo do diálogo do pesquisador consigo mesmo

Negrine (1999) diz que o termo memorial descritivo refere-se às experiências vividas, as quais podem ser descritas com base naquilo que o autor quer se referir, ou seja, pode-se fazer a descrição com base nas emoções vividas; ou nos relatos de aspectos fisiológicos sentidos; ou em valores éticos e morais apresentados; ou contradições

proporcionadas por temas conflitantes, como por exemplo, crenças; e tantos outros exemplos de experiências proporcionadas quando estamos lidando com educação e a relação do ser humano com o ser humano.

Em livros de metodologias de pesquisa esse tema é apresentado como “notas de campo”, que incluem planos de aulas, observações de aulas, trabalhos de educandos, avaliação do processo pedagógico, plano de ensino, relatório do processo pedagógico, entre outros, mas com maior abertura para questões de origens emocionais, sensitivas e perceptivas, características que serão avaliadas no presente trabalho.

3.3-Interpretação dos dados

Para a interpretação dos dados foi utilizado o método da hermenêutica. A hermenêutica é a arte e a técnica da interpretação e compreensão adequada do pensamento expressado na linguagem do outro, buscando a apreensão da intencionalidade de determinado discurso. Braida (2003, p.15) escreve sobre a hermenêutica conceituando-a como "a arte da compreensão correta do discurso de um outro".

A hermenêutica pode ter duas diferentes características, segundo Schleiermacher (apud HIRAI, 2007, p.24), uma intuitivo-divinatória que se dá a partir da 'adivinhação', e a outra histórico-comparativa que busca detectar o particular pelo genérico por contraste, ou seja, é uma reconstrução divinatória e/ou histórica dos fatores objetivos e subjetivos de um discurso falado ou escrito.

Refletindo sobre o pensamento de Schleiermacher (2003), sobre a relação entre dialética e hermenêutica, a questão da teoria e da prática pode ser esclarecida onde, a dialética faz esta relação (prática e teoria) que se estrutura na apreensão dos elementos comuns das práticas para a busca do essencial entre elas (práticas) e o retorno do teórico para a atuação prática, sem que haja o distanciamento entre uma e outra, e a hermenêutica busca os elementos universais das diferentes práticas para poder estruturar uma teoria comum entre elas (práticas).

A teoria por si só tem apenas o valor de conhecimento se não aplicada na prática, ou seja, pode ficar restrita na dimensão teórica sem se tornar de fato uma competência, e a prática sem a sua reflexão torna-se costume e crença sem a possibilidade de ampliação da compreensão e da transcendência que a cerca. Para que uma prática se consolide como uma competência, então a experiência adquirida nela deve ser refletida a partir de referenciais teóricos à visão de novas possibilidades e ampliação do que já se conhece.

Portanto, para as interpretações das aulas, buscou-se a aproximação da prática relatada nas observações de aulas e na nossa memória dos eventos ocorridos no processo ensino-aprendizagem nos estágios curriculares do curso, nos semestres de 2005/2 e 2006/1, relacionado-as com fundamentações teóricas de autores desta área e de outras do conhecimento.

4 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quadro 1 – Distribuição das Observações de Aula

Semestres/ Escola	Blocos de Observação	Professores e Estagiários	Quantidade de observações	Nº de aulas selecionadas
2005/2 Escola Pe. Rohr	1º Bloco	Prof. Titular	3 aulas	1 aula
	2º Bloco	Estagiários	7 aulas	2 aulas
2006/1 Col. Aplicação	3º Bloco	Prof. Titular	4 aulas	1 aula
	4º Bloco	Estagiários	12 aulas	3 aulas
Total de aulas	-	-	26 aulas	7 aulas

Quadro 2 – Facilitador

PALAVRAS/FRASES/EXPRESSÕES	Nº TOTAL DE CONSTATAÇÕES	EM QUAIS AULAS CONSTATADAS
DIÁLOGO EDUCADOR-EDUCANDO	31	TODAS
PARTICIPAR	22	1ª; 2ª; 4ª; 5ª; 7ª
COOPERAÇÃO	14	1ª; 2ª; 3ª; 4ª; 7ª
COMPREENSÃO	7	3ª; 7ª
BRINCAR	7	2ª; 4ª; 5ª; 7ª
ORIENTAÇÃO	6	1ª; 3ª; 5ª; 7ª
AFETO ENTRE EDUCADOR E EDUCANDO	3	1ª; 4ª
RESPEITAR	3	1ª
CUIDAR	3	1ª; 5ª
ENTUSIASMO	3	1ª; 5ª; 7ª
GOSTAR DE FAZER	3	1ª; 5ª
LIBERDADE	2	1ª
ORGANIZAÇÃO	2	1ª; 4ª
MENOR RESISTÊNCIA	1	2ª

EFEITO POSITIVO	1	3 ^a
PEQUENO CONFLITO	1	5 ^a
FORMA ESPONTÂNEA	1	7 ^a
OPORTUNIDADE	1	7 ^a

Quadro 3 – Facilita a dor

PALAVRAS/FRASES/EXPRESSÕES	Nº TOTAL DE CONSTATAÇÕES	EM QUAIS AULAS CONSTATADAS
DECISÃO AUTORITÁRIA	19	1 ^a ; 3 ^a ; 4 ^a ; 7 ^a
INCOMPREENSÃO	7	1 ^a ; 6 ^a
FAZER POR FAZER	6	1 ^a ; 2 ^a ; 7 ^a
FUGIR DE DETERMINADA SITUAÇÃO	6	5 ^a ; 6 ^a
DISPERSÃO	4	1 ^a ; 2 ^a ; 6 ^a
ATRASO	2	6 ^a
EXCLUSÃO	1	3 ^a
DESINTERESSE	1	3 ^a

Quadro 4 – Facilitador e Facilita a dor

PALAVRAS/FRASES/EXPRESSÕES	Nº TOTAL DE CONSTATAÇÕES	EM QUAIS AULAS CONSTATADAS
DIVISÃO DAS EQUIPES	11	1 ^a ; 2 ^a ; 3 ^a ; 4 ^a
OBJETIVO	9	1 ^a ; 2 ^a ; 3 ^a ; 4 ^a ; 5 ^a
REGRA	6	4 ^a ; 5 ^a ; 6 ^a
APROVEITAR O TEMPO	4	2 ^a ; 3 ^a ; 5 ^a ; 6 ^a
MACHUCAR ‘SEM QUERER’	1	2 ^a

Relato das aulas observadas

Roteiro de observação das ações da aula: já selecionadas a partir de uma primeira interpretação, considerando situações que despertem certo interesse ao pesquisador e que estão destacadas em negrito. Aparecerão no final dos destaques e momentos da aula, na fase de interpretação, onde os destaques são apresentados em dois pólos distintos: 1) o educador que ‘facilitador’; e 2) o educador que ‘facilita a dor’.

Para que se compreenda o processo de chegada a esse momento, dividimos a observação de aula em três passos, que estão esclarecidos abaixo:

1º passo: início da aula: chegada do professor, chegada dos alunos; abordagem do tema da aula; arranjos iniciais da aula;

2º passo: mudanças de arranjos ou situações, de acordo com o tema central da aula;

3º passo: considerações finais da aula e ligações com o tema central do início;

Para a compreensão da divisão das observações por blocos, dividimos em quatro momentos, e passamos a descrevê-los, de acordo ao quadro acima referido:

Seleção das aulas

As sete aulas selecionadas seguiram o critério do contraste, entre os termos ‘facilitador’ e ‘facilita a dor’, para que fiquem evidenciados os momentos em que o educador assume tais posturas. Também, a recordação por minha parte das aulas que me foram mais significativas e proporcionaram o aprendizado e aprimoramento da atuação como educador.

4.1 – 2005/2 – 1º Bloco

1ª Aula (1ª aula do bloco 1): observada - dia 05/09/05 das 09:20h às 10:05h da turma 501 (5ª série). Aula ministrada pelo Professor titular de Educação Física.

Estabelecemos contato com o professor no pátio da Escola, minutos antes do início de sua aula. Este nos relatou que daria sua aula na quadra de esportes e que o **objetivo** daquele dia seria o mesmo dos anteriores, ou seja, fazer com que seus alunos continuassem realizando atividade física ao longo da vida, **cuidassem da saúde** (objetivos gerais) e participassem dos **processos de amizade, socialização, cooperação, respeito mútuo** (objetivos específicos) . Fomos convidados a entrar na sala de aula junto com o professor, e este nos apresentou à turma. Em seguida, após a chamada ter sido feita por um dos alunos, **conforme acordo entre professor e alunos**, previamente estabelecido, nos dirigimos para quadra de esportes.

...nesta turma consta a presença de uma portadora de paralisia cerebral leve, que apresenta certa dificuldade motora. Segundo o professor, esta aluna é **convidada a participar das aulas com os demais alunos**, a fim de **proporcionar respeito e participação entre todos...**

O professor optou por trabalhar com futebol, retirando o material do almoxarifado com a **ajuda dos alunos**, que acolheram a proposta com

entusiasmo...

...é a pratica que eles (meninos e meninas) mais gostam de fazer...

...dispersão de alguns integrantes do grupo que eram orientados pelo professor a continuarem as atividades propostas...

...a turma foi dividida em quatro equipes de meninos e meninas...

...autorização do professor...

No jogo entre as meninas, **a aluna com necessidades especiais, participou do jogo** como goleira, e em certo momento, quando tomou um gol, saiu por **críticas das demais alunas**. Neste momento, o **professor foi conversar** com a mesma, **insistindo para que esta continuasse participando da atividade**, o que ocorreu em seguida, porem como jogadora de linha...

...dando liberdade para as meninas...

...solicitava aos alunos que **tomassem cuidado...**

...existe grande proximidade física e afetiva entre professor e alunos...

...em nenhum momento, ocorreu desrespeito entre ambos...

...utilizar sua condição hierárquica para organizar a turma...

...a portadora de necessidade especial,...o grupo de alunos não propiciava participação desta nas atividades...

...intervenção do professor para propiciar sua participação...

Após o término da partida, **todos foram dispensados e orientados** a deixarem o material (babeiros) em um único local, para facilitar seu recolhimento pelo professor...

...o professor optou por trabalhar desta **forma mais livre** e com esta pratica por ser aquela que **os alunos mais gostam...**

Conforme esclarecido inicialmente, apresentamos a interpretação do primeiro pólo denominada 'facilitador', dos momentos de aula observados e que, no nosso discernimento, mereceram destaque. Conforme esclarecido anteriormente, nesse item vão aparecer palavras, frases, comentários, citações, conversas, opiniões, gestos e outros:

Interpretação - Facilitador:

cuidassem da saúde (colocar a atenção em algo que necessita atenção, imaginando o que poderá ocorrer em tal circunstância, isto é cuidar-se. Realmente há atenção quanto ao cuidado com a saúde);

processos de amizade, socialização, cooperação, respeito mútuo (proporcionar a construção de valores humanos que levam à integração e o amor na humanidade é a finalidade essencial do trabalho docente. A atitude do educador está nesta direção, buscando relações harmoniosas entre os educandos e na sua relação com estes);

conforme acordo entre professor e alunos (o diálogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim, educador e educando construir uma relação de confiança onde as decisões são tomadas em conjunto. Podemos observar que o respeito às regras previamente estabelecidas são

cumpridas);

convidada a participar das aulas com os demais alunos (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. Ser convidado a participar é ter a oportunidade de integração, o que de fato acontece na aula com a iniciativa do educador de promover a participação da educanda com necessidades especiais);

proporcionar respeito e participação entre todos (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. Esta ação pedagógica é ampliada se valores como o respeito forem trabalhados);

ajuda dos alunos (quando há uma relação harmoniosa entre educador e educando, estes (educandos) fazem questão de ajudar na aula);

entusiasmo (segundo o site http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx), é excitação da alma, quando admira excessivamente; paixão viva, ou seja, é uma energia (excitação), quando bem direcionada pode contribuir para o conhecimento que está sendo desenvolvido. Os educandos participam da aula com disposição e alegria);

é a prática que eles (meninos e meninas) mais gostam de fazer (quando o educador consegue relacionar o que os educandos gostam de fazer com os objetivos pedagógicos, então grande parte do processo pedagógico está encaminhado. O educador deve tomar cuidado, justamente, para não cair nem em fazer aquilo que os educandos querem e esquecer os objetivos da turma, e nem em ficar apenas no desenvolvimento de atividades relacionadas aos objetivos, sendo que os educandos preferem outras atividades. Nesta caso podemos observar que o conteúdo proposto está em acordo com a vontade da maior parte dos educandos que adoram o futebol, mas também não há muitas possibilidades de escolhas);

orientados pelo professor (orientar é um encaminhamento esclarecedor, visualizar o caminho a seguir. Os educandos escutam o educador);

autorização do professor (o educador é a autoridade na aula, isto não quer dizer que ele deva ser autoritário, sua posição deve servir para a organização e bom relacionamento entre os participantes da aula. Por isso se pede a autorização do professor para ir no banheiro, beber água e outros);

a aluna com necessidades especiais, participou do jogo (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. O que de fato acontece nesta aula, mas por parte de algumas colegas há excessivas reclamações sobre a atuação desta educanda no jogo);

professor foi conversar (o diálogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim o professor poder perceber o que está acontecendo na aula na perspectiva do outro. Neste caso foi de fundamental importância a conversa do educador com esta educanda, proporcionando sua inclusão no jogo novamente);

insistindo para que esta continuasse participando da atividade (insistir para a educanda participar não é uma atitude necessária do educador, porque não tem sentido o educando estar fisicamente na atividade por obrigação, mas sua atenção estar em outro lugar. Mas neste caso a atitude do educador foi coerente, pois, a partir do seu retorno à atividade suas colegas pararam com as seguidas

críticas, aumentando sua auto-estima);

dando liberdade (a liberdade é autonomia e estão intimamente ligadas à criatividade e ao lúdico. "Faculdade de uma pessoa poder dispor de si, fazendo ou deixando de fazer por seu livre arbítrio qualquer coisa" http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx. Sendo que como há a divisão da turma, quem não está no jogo coletivo fica fora da quadra fazendo outras atividades, como por exemplo, o jogo de pimbolin e jogos de tabuleiro ou assistindo ao jogo que está acontecendo);

solicitava (solicitar é um pedido e não uma exigência, portanto o tom e a atitude de uma solicitação não necessariamente deve acontecer com gritos e atos que representem intimidação e agressividade. A solicitação do educador era relacionada a segurança dos educandos, principalmente para os que não estavam participando do jogo na quadra e que ficavam fora correndo uns atrás dos outros);

tomassem cuidado (colocar a atenção em algo que necessita atenção, imaginando o que poderá ocorrer em tal circunstância, isto é cuidar-se. Realmente há atenção quanto ao cuidado com a saúde);

grande proximidade física e afetiva entre professor e alunos (criar vínculo professor-aluno é inevitável, a qualidade desta relação é que tem importância, ela pode ser de ser para ser (educador-educando), ou também o que sabe e o que não-sabe (professor-aluno), ou ainda, repressor e reprimido (facilita a dor e recebe a dor do outro). Há o respeito por ambas as partes, o educador escuta os educandos, que se sentem confiantes para se expressarem com este);

em nenhum momento, ocorreu desrespeito entre ambos (proporcionar a construção de valores humanos que levam à integração e o amor na humanidade é a finalidade essencial do trabalho docente. O respeito pelo outro é um destes valores);

condição hierárquica para organizar a turma (o educador é a autoridade na aula, isto não quer dizer que ele deva ser autoritário, sua posição deve servir para a organização e bom relacionamento entre os participantes da aula);

intervenção do professor para propiciar sua participação (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. Proporcionar a participação de todos que querem participar da atividade é uma das funções do professor, portanto intervir quando isto não está ocorrendo é fundamental);

forma mais livre (a liberdade é autonomia e estão intimamente ligadas à criatividade e ao lúdico. "Faculdade de uma pessoa poder dispor de si, fazendo ou deixando de fazer por seu livre arbítrio qualquer coisa" http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx. No final da aula o educador disse para todos os educandos que poderiam jogar na quadra livremente, pois em seguida viria o recreio);

os alunos mais gostam (quando o educador consegue relacionar o que os educandos gostam de fazer com os objetivos pedagógicos, então grande parte do processo pedagógico está encaminhado. O educador deve tomar cuidado, justamente, para não cair nem em fazer aquilo que os educandos querem e esquecer os objetivos da turma, e nem em ficar apenas no desenvolvimento de atividades relacionadas aos objetivos, sendo que os educandos preferem outras atividades. Na aula não aconteceu o questionamento se o futebol era a atividade que os educandos mais gostam, mas pode ser que já havia sido verificado pelo professor anteriormente

está questão).

Conforme esclarecido inicialmente, apresentamos a interpretação do primeiro pólo denominada 'facilita a dor', dos momentos de aula observados e que, no nosso discernimento, mereceram destaque. Conforme esclarecido anteriormente, nesse item vão aparecer palavras, frases, comentários, citações, conversas, opiniões, gestos e outros:

Interpretação 'Facilita a dor':

objetivo (expor aos educandos os objetivos da aula é importante pelo simples fato deles saber o que estão fazendo, e assim, ter maior participação na proposta que supostamente foram co-criadores. Neste caso os objetivos não são discutidos com os educandos, mas pelo menos o educador expõe para os educados);

o professor optou por trabalhar (o educador não deve tomar as decisões nas aulas sozinho, eventualmente pode, dependendo da situação, mas é aconselhável colocar em discussão com a turma. Não há discussão com a turma sobre as atividades que serão realizadas, os educandos gostam do futebol, mas não há a possibilidade de mudança do conteúdo que é a cada bimestre um deste quatro esporte coletivo, futebol, voleibol, handebol e basquetebol, sendo que este último não pode mais ser realizado por causa que uma das tabelas está sem o aro, segundo o relato do professor da escola);

é a pratica que eles (meninos e meninas) mais gostam de fazer (quando o educador consegue relacionar o que os educandos gostam de fazer com os objetivos pedagógicos, então grande parte do processo pedagógico está encaminhado. O educador deve tomar cuidado, justamente, para não cair nem em fazer aquilo que os educandos querem e esquecer os objetivos da turma, e nem em ficar apenas no desenvolvimento de atividades relacionadas aos objetivos, sendo que os educandos preferem outras atividades. Nesta caso podemos observar que o conteúdo proposto está em acordo com a vontade da maior parte dos educandos que adoram o futebol, mas também não há muitas possibilidades de escolhas);

dispersão de alguns integrantes do grupo (dispersar no ato pedagógico pode ser interpretada como afastar-se da atividade de aula e do coletivo (turma), não estar com a atenção na atividade que está sendo realizada);

dividida em quatro equipes de meninos e meninas (caso haja numa atividade a divisão em equipes, que esta divisão seja feita conforme a vontade dos educandos e por sorteio, a divisão por gênero, competência e habilidade, trazem conflitos e contribuem para a fragmentação das relações entre os educandos. O educador faz a divisão entre meninos e meninas sem que haja o questionamento sobre esta divisão e sem saber o posicionamento dos educandos sobre a mesma);

críticas das demais alunas (algumas situações são resolvidas entre os educandos mesmos, sem ser necessária a intervenção do educador. É interessante que o educador fique atento para a ocorrência de injustiças e contínuas críticas a um determinado educando, pois pode já ter se tornado um hábito dos demais educandos. Neste caso o educador tenta que as reclamações não sejam feitas, mas elas

continuam acontecendo até a menina sair do jogo);

dando liberdade (a liberdade é autonomia e estão intimamente ligadas à criatividade e ao lúdico. "Faculdade de uma pessoa poder dispor de si, fazendo ou deixando de fazer por seu livre arbítrio qualquer coisa" http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx. Sendo que como há a divisão da turma, quem não está no jogo coletivo fica fora da quadra fazendo outras atividades, como por exemplo, o jogo de pimbolin e jogos de tabuleiro ou assistindo ao jogo que está acontecendo);

a portadora de necessidade especial, ...o grupo de alunos não propiciava participação desta nas atividades (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. Proporcionar a participação de todos que querem participar da atividade é uma das funções do professor, portanto intervir quando isto não está ocorrendo é fundamental. Mesmo com as intervenções do educador a discriminação dos educandos acontecia com esta garota);

4.2 – 2005/2 – 2º Bloco

2ª Aula (4ª aula do bloco 2): observada - dia 09/11/05 das 11:10h-11:55h da turma 501 (5ª série). Aula ministrada pelos estagiários de Educação Física.

Professor titular da disciplina e estagiários dirigiram-se para sala de aula para realização da chamada e **apresentação de proposta de aula** para aquele dia.

...**costume** os mesmos fazerem a chamada em sistema de rodízio...

O objetivo era adiantar este primeiro momento, oportunizando **melhor aproveitamento do tempo** em quadra...

...enfocado a questão **cooperação e participação de todos** nestas...

...**dividiram de forma mesclada entre meninos e meninas** com participação de todos os alunos...

Não ocorreram reclamações por parte dos alunos no sentido de divisão por gênero ou pela quantidade de pessoas em quadra.

Apenas uma **aluna não queria participar da atividade**, porém logo que esta iniciou, a aluna após **conversar com estagiário** e professor titular também entrou em quadra para **participar**.

...alguns alunos saíam dizendo **não estarem participando**, porém em seguida entravam novamente na **brincadeira**.

...**contando com a participação de todos**...

...**ocorreu parte do objetivo proposto** que era a **cooperação entre os membros da equipe** para marcação do gol...

...**ocorreu menor resistência**...

...**muitos alunos não aceitavam jogar meninos e meninas juntos**...

...**divisão tinha sido feita pelos próprios alunos**...

...**não houve reclamação sobre jogar com todos em quadra com times mesclados de meninas e meninos**...

Concluimos que **partes dos objetivos da aula dada foram cumpridos...**

...dialogado com os alunos sobre as atividades...

...o jogo com todos em quadra e mesma equipe contendo meninos e meninas...

...uma das meninas **saiu machucada** após chute forte de um dos meninos da equipe adversária...

A troca de experiências entre alunos e professor é importante para o aperfeiçoamento das aulas e demonstração da importância dos alunos em participarem não apenas das atividades propostas, mas também da possibilidade de sua elaboração, indo de encontro com a pedagogia que nos propomos que é **participativa** e não apenas **reprodutivista** de conteúdos.

Interpretação - Facilitador:

apresentação de proposta de aula (expor aos educandos os objetivos da aula é importante pelo simples fato deles saberem o que estão fazendo. Os educandos tinham a possibilidade de argumentar sobre a proposta de aula);

cooperação e participação de todos (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, fazer parte e se envolver em algo requer cooperação para que realmente ocorra a participação todos. O princípio da cooperação para a realização das tarefas, mesmo com jogos competitivos foram a ênfase do estágio, sendo que em alguns momentos ela de fato acontecia e em outros momentos as atitudes competitivas se evidenciava);

dividiram de forma mesclada entre meninos e meninas (caso haja numa atividade a divisão em equipes, que esta divisão seja feita conforme a vontade dos educandos e por sorteio, a divisão por gênero, competência e habilidade, trazem conflitos e contribuem para a fragmentação das relações entre os educandos. Após a orientação da professora do estágio, as divisões das equipes se fazia com a ajuda dos educandos e com todos participando ao mesmo tempo);

participação de todos os alunos (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. Isto aconteceu após os educandos serem 'seduzidos' pelas atividades que estavam sendo desenvolvidas);

Não ocorreram reclamações por parte dos alunos no sentido de divisão por gênero ou pela quantidade de pessoas em quadra (caso haja numa atividade a divisão em equipes, que esta divisão seja feita conforme a vontade dos educandos e por sorteio, a divisão por gênero, competência e habilidade, trazem conflitos e contribuem para a fragmentação das relações entre os educandos. Esta frase é um sinal que a divisão das equipes se deu harmoniosamente);

aluna não queria participar da atividade (a aula é um momento que se esta desenvolvendo um conhecimento e, a princípio, todos devem estar participando, mas escutar o educando e aceitar sua opção de não querer participar pode representar um ato pedagógico, se trabalhada a questão da autonomia e/ou do respeito ao posicionamento do outro, por exemplo. Foi respeitada a vontade da educanda que posteriormente motivou-se a participar);

conversar com estagiário (o dialogo é dar a oportunidade do educando

expor aquilo que quer e percebe, e assim o professor poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro. O estagiário foi compreensivo com a educanda e proporcionou se retorna a atividade);

participar (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. Foi proporcionada a participação daqueles que queriam participar);

brincadeira (é uma atividade de atenção e concentração naquilo que se esta fazendo e gostando do que se esta fazendo, e estes são seus objetivos. O brincar aconteceu, pois os educandos estavam envolvidos e atentos ao que estavam fazendo);

contando com a participação de todos (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica);

ocorreu parte do objetivo proposto (os objetivos da aula devem estar de acordo com os objetivos dos educandos e do educador, então é importante que os objetivos sejam expostos e discutidos em sala, ou num gramado, ou numa quadra etc, isto significa um passo para o seu sucesso. A proposta era de trabalhar a cooperação em jogos tanto competitivos quanto em cooperativos. Portanto haver a cooperação entre os membros de uma equipe já é uma parte do objetivo, isto pode ser visto como o começo da aceitação da proposta pedagógica);

cooperação entre os membros da equipe (cooperação é a chave para o sucesso de qualquer atividade. Quando os educandos cooperam entre eles nas atividades da aula, então se pode dizer que os objetivos foram alcançados. Cooperar é a atitude expressa de amor. A proposta era de trabalhar a cooperação em jogos tanto competitivos quanto em cooperativos. Portanto haver a cooperação entre os membros de uma equipe é uma parte do objetivo);

ocorreu menor resistência (podemos interpretar de duas forma esta frase: uma que a turma esta mais envolvida na proposta pedagógica do educador, e a outra, que a turma se submeteu ao professor por sua posição autoritária. Buscamos a aceitação da proposta na conquista dos educandos de algumas forma, uma delas era utilizar uma temática que eles gostassem, o futebol);

divisão tinha sido feita pelos próprios alunos (caso haja numa atividade a divisão em equipes, que esta divisão seja feita conforme a vontade dos educandos e por sorteio, a divisão por gênero, competência e habilidade, trazem conflitos e contribuem para a fragmentação da das relações entre os educandos. Esta atitude traz confiança para os educandos se sentirem participantes da construção das aulas);

não houve reclamação sobre jogar com todos em quadra com times mesclados de meninas e meninos (caso haja numa atividade a divisão em equipes, que esta divisão seja feita conforme a vontade dos educandos e por sorteio, a divisão por gênero, competência e habilidade, trazem conflitos e contribuem para a fragmentação da das relações entre os educandos. No começo do processo ensino-aprendizagem, enquanto uns não aceitavam jogar meninos e meninas, outros não se importavam e ao longo deste processo está idéia foi bem aceita);

dialogado com os alunos (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim o professor poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro);

saiu machucada (como nas aulas de Educação Física a questão do toque no

outro é muito presente, pode ocorrer alguns acidentes e, conseqüentemente, machucados. Este acontecimento não aconteceu propositalmente e o educador acolheu a educanda imediatamente. Portanto pode se dizer que foi um acontecimento da aula);

A troca de experiências entre alunos e professor é importante para o aperfeiçoamento das aulas (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim o professor poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro. Sendo que este dialogo não necessariamente deva ocorrer na palavra, ele pode acontecer num sorriso, num abraço, num rosto emburrado, num choro etc. Ao longo do processo didático-pedagógico ficou claro que as aulas tiveram uma evolução e a troca das experiências entre educandos e educadores foi importante para isto);

demonstração da importância dos alunos em participarem não apenas das atividades propostas, mas também da possibilidade de sua elaboração (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. É desejável que os educandos participem da construção das aulas, relacionando seus interesses com os do educador. Os educandos tinham a possibilidade de falar sobre as atividades e o seu encaminhamento, no final de parte das aulas havia o retorno para sala de aula e um momento para conversar sobre as aulas);

participativa (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. A proposta era de integração e participação de todos os educandos através de jogos cooperativos que faziam contraste com os jogos que eles estavam habituados a praticar, os jogos competitivos)

Interpretação – Facilita a dor:

costume (é a forma habitual de fazer algo ou deixar de fazer. Saber fazer melhor com a repetição é bom, mas se prender num determinado conhecimento e não buscar alternativas cega e leva à estagnação do ser. Os educandos realizar a chamada não tem nada de errado, mas o professor/estagiário não poder fazer a chamada, pois, os educandos se acham no direito de fazer por já estarem habituados, pode representar desrespeito);

melhor aproveitamento do tempo (a questão do tempo é relativa, por exemplo: se o educador utilizar uma aula inteira para mostrar aos educandos a importância da organização e o tempo (cronológico) que leva para a turma chegar até a quadra para fazer as atividades daquele dia, e os educandos compreenderem isto, então o tempo de uma aula valeu muito e nas outras aulas a turma já terá a compreensão que a ordem é importante para o andamento da aula. Portanto, não deve haver pressão para a chegada na quadra por parte dos educadores, talvez para os educandos. Questões muito importantes relacionadas a organização podem ser trabalhadas);

não estarem participando (a aula é um momento que se esta desenvolvendo um conhecimento e, a princípio, todos devem estar participando, mas escutar o educando e aceitar sua opção de não quer participar pode representar

um ato pedagógico. Mas quando muitos se posicionam a não participar de uma atividade é que ela não é apropriada para aquele momento. De fato alguns educandos não estavam participando em alguns momentos, mas retornavam quando se sentiam dispostos);

muitos alunos não aceitavam jogar meninos e meninas juntos (caso haja numa atividade a divisão em equipes, que esta divisão seja feita conforme a vontade dos educandos e por sorteio, a divisão por gênero, competência e habilidade, trazem conflitos e contribuem para a fragmentação das relações entre os educandos. Os educandos mais habilidosos não aceitavam jogar com as meninas por acharem que elas jogavam pior ou que poderiam machuca-las, isto de fato era um bloqueio para o processo didático-pedagógico);

saiu machucada (como nas aulas de Educação Física a questão do toque no outro é muito presente, pode ocorrer alguns acidentes e, conseqüentemente, machucados. Este acontecimento não aconteceu propositalmente e o educador acolheu a educanda imediatamente. Portanto pode se dizer que foi um acontecimento da aula);

parte dos objetivos da aula dada foram cumpridos (os objetivos da aula devem estar de acordo com os objetivos dos educandos e do educador, então é importante que os objetivos sejam expostos e discutidos em sala, ou num gramado, ou numa quadra ou outro espaço, isto significa um passo para o seu sucesso. Os objetivos são para serem alcançados, não sendo, então algo não está fluindo como deveria. Mas os objetivos de cada aula não necessariamente são a realização de suas atividades propostas no plano de aula);

reprodutivista (a própria palavra já diz, é o que reproduz. Saber fazer pela repetição é bom, mas buscar outras alternativas além daquilo que já se sabe fazer é melhor ainda. Como se tratava de uma proposta nova para os educandos, então ela não era reprodutora do que eles já estavam realizando nas aulas de Educação Física).

3ª Aula (7ª aula do bloco 2): observada - dia 23/11/05 das 11:10h às 11:50h da turma 501 (5ª série). Aula ministrada pelos estagiários de Educação Física.

Estagiários de Educação Física dirigiram-se para sala de aula para **primeiro contato do dia com os alunos e apresentação das atividades** a serem realizadas naquele dia.

Os alunos receberam bem as propostas do dia e todos nos dirigimos para quadra para realização das mesmas.

...**todos os alunos juntos pularem a corda...**

...**os próprios alunos sugeriram...**

...**a brincadeira continuasse até o objetivo ser cumprido...**

...**ocorrido desistências ou retirada de alunos pelo erro...**

...**solicitamos aos alunos que ficassem sentados em círculo** no meio da quadra junto aos estagiários para realizarmos uma **avaliação conjunta** do período de estagio, no que se refere a proposta, **objetivos alcançados**, nível de **compreensão destes por parte dos alunos**, e sugestões e críticas aos estagiários...

Na fala de alguns alunos, ficou **caracterizado que ocorreu tal**

compreensão que segundo os mesmos foi "**trabalhar mais em equipe**", "**fazer as atividades juntos, ajudando os colegas**", "tem mais passes dos meninos para as meninas no futebol agora"...

Os estagiários entrevistaram em algumas falas para o dialogo, demonstrando a **importância da cooperação e não somente o lado competitivo** das atividades para o **alcance dos objetivos**, citando exemplos ocorridos em aulas anteriores, tanto positivos como negativos no que se refere a proposta de estagio.

...**todos em quadra jogando juntos em equipes mistas**...

Alguns alunos que não demonstraram interesse em realizar esta última atividade, foram entrando no jogo no decorrer deste por **persistência dos estagiários em que todo o grupo estivesse participando da atividade**.

...**ficou claro aos alunos**...

...**compreenderam as atividades propostas** e que esta já estava surtindo **efeito positivo** sobre a turma...

...a **possibilidade de todos participarem ao mesmo tempo de forma mista**, sem que isto fosse um impedimento, e assim **aproveitaram mais tempo de jogo, sem necessidade de espera**...

...**estavam mais participativos, visualizando e experimentando a possibilidade de pratica conjunta das atividades da turma**.

Interpretação - Facilitador:

primeiro contato do dia com os alunos e apresentação das atividades (expor aos educandos os objetivos da aula é importante pelo simples fato deles saberem o que estão fazendo, e assim, terem maior participação na proposta que supostamente foram co-criadores. Este momento em sala aconteceu em todas as aulas, onde os educadores apresentavam as atividades e a explicação delas, e perguntavam aos educandos o que achavam delas);

Os alunos receberam bem as propostas (isto quer dizer que as propostas dos educadores estão de acordo com a vontade dos educandos, representando a união entre eles. Muito bom para o encaminhamento da aula e o relacionamento educador-educando. Após um começo um tanto complicado, a proposta agora estava sendo bem aceita e as aulas fluindo);

todos os alunos juntos pularem a corda (representa a união e integração da turma. Aprender a trabalhar em grupo pode ajudar no convívio social de cada ser humano participante da aula, seja numa posição de líder ou de subordinado onde, o líder pode aprender a não ser autoritário e o subordinado a não ser submisso, por exemplo. Atividade muito bem aceita onde todos brincavam em união);

os próprios alunos sugeriram (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim o professor poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro. Escutar os educandos e a partir de então dar o prosegimento da aula em alguns momentos aconteciam);

solicitamos aos alunos que ficassem sentados em circulo (solicitar é um pedido e não uma exigência, portanto o tom e a atitude de uma solicitação não necessariamente deve acontecer com gritos e atos que representem intimidamento e agressividade. Esta solicitação foi na forma de pedido, visto que já havia uma boa

relação entre os estagiários e os educandos);

avaliação conjunta (a aula é um espaço coletivo e seus "passos" devem ser coletivos. Tanto na construção e desenvolvimento, quanto na avaliação e encerramento. Momento que simbolizou o encerramento do estágio, onde os educandos falaram sobre as atividades e suas compreensões da proposta);

objetivos alcançados (os objetivos da aula devem estar de acordo com os objetivos dos educandos e do educador, então é importante que os objetivos sejam expostos e discutidos em sala, ou num gramado, ou numa quadra etc, isto significa um passo para o seu sucesso. Os objetivos foram alcançados por causa da compreensão dos educandos da proposta);

compreensão destes por parte dos alunos (compreender é ter o entendimento sobre, e/ou perceber o que esta acontecendo. Quando se busca a compreensão dos educandos, o educador quer saber qual o entendimento e o que eles percebem sobre o que sendo estudado, o que de fato aconteceu com os relatos dos mesmos);

caracterizado que ocorreu tal compreensão (compreender é ter o entendimento sobre, e/ou perceber o que esta acontecendo. Quando se busca a compreensão dos educandos, o educador quer saber qual o entendimento e o que eles percebem sobre o que sendo estudado. Nas falas dos educandos fica evidente que compreenderam o que estava sendo proposto);

trabalhar mais em equipe (trabalhar em grupo é incentivar a cooperação. Idéia e atitude que mais evoluiu no processo didático-pedagógico e que eram visíveis nos jogos praticados);

fazer as atividades juntos, ajudando os colegas (trabalhar em grupo é incentivar a cooperação. Idéia e atitude que mais evoluiu no processo didático-pedagógico e que eram visíveis nos jogos praticados);

Os estagiários intervieram em algumas falas para o dialogo (a qualidade e o momento da intervenção são fundamentais para que ela se legitime como uma ação em prol da aula ou não, a intervenção é uma mediação. Neste momento foi interessante a mediação das falas para a organização das mesmas e a possibilidade de todos poderem escutar e ser escutados);

a importância da cooperação e não somente o lado competitivo (cooperação é a chave para o sucesso de qualquer aula. Quando os educandos cooperam entre eles nas atividades da aula, então se pode dizer que os objetivos foram alcançados. Cooperar é a atitude expressa de amor. Houve a compreensão dos educandos para necessidade da cooperação para o jogo e seu desenvolvimento);

alcance dos objetivos (os objetivos da aula devem estar de acordo com os objetivos dos educandos e do educador, então é importante que os objetivos sejam expostos e discutidos em sala, ou num gramado, ou numa quadra etc, isto significa um passo para o seu sucesso. Os objetivos foram alcançados por causa da compreensão dos educandos à cooperação no jogo, mesmo quando este era competitivo);

todos em quadra jogando juntos em equipes mistas (caso haja numa atividade a divisão em equipes, que esta divisão seja feita conforme a vontade dos educandos e por sorteio. A divisão por gênero, competência e habilidade trazem conflitos e contribuem para a fragmentação das relações entre os educandos. Está idéia de, estarem todos jogando ao mesmo tempo na quadra, foi bem aceita e não

houveram tantas reclamações como eram esperadas pelos estagiários);

ficou claro aos alunos (sinal que os educandos compreenderam);

compreenderam as atividades propostas (compreender é ter o entendimento sobre, e/ou perceber o que esta acontecendo. Quando se busca a compreensão dos educandos, o educador quer saber qual o entendimento e o que eles percebem sobre o que sendo estudado);

efeito positivo (um efeito é positivo porque esta funcionando, se esta funcionando é bom);

possibilidade de todos participarem ao mesmo tempo de forma mista (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. Sem a divisão por sexo o respeito a diversidade pode ser problematizado pelo professor. Esta idéia, de estarem todos jogando ao mesmo tempo na quadra, foi bem aceita e não houveram tantas reclamações como eram esperadas pelos estagiários);

aproveitaram mais tempo de jogo, sem necessidade de espera (a questão do tempo é relativa, por exemplo: se o educador utilizar uma aula inteira para mostrar aos educandos a importância da organização e o tempo (cronológico) que leva para a turma chegar até a quadra para fazer as atividades daquele dia, e os educandos compreenderem isto, então o tempo de uma aula valeu muito e nas outras aulas a turma já terá a compreensão que a ordem é importante para o andamento da aula. O maior aproveitamento do tempo de aula se deu pela prática das atividades com todos da turma sem haver o tempo em que os meninos estavam em quadra e as meninas ficavam esperando e vice-versa);

estavam mais participativos, visualizando e experimentando a possibilidade de pratica conjunta das atividades da turma (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação. Sem a divisão por sexo o respeito a diversidade pode ser problematizado pelo professor, e atitudes de cooperação e união vivenciadas. A cooperação e o respeito a diversidade foram o foco do estágio)

Interpretação – Facilita a dor:

a brincadeira continuasse até o objetivo ser cumprido (a brincadeira é uma atividade de atenção e concentração naquilo que se esta fazendo e gostando do que se esta fazendo, e estes são seus objetivos. Então o que está escrito nesta frase não é sobre brincadeira, e sim, sobre a atividade pedagógica que esta sendo desenvolvida e que tem um objetivo externo. A brincadeira acaba quando começa a dispersão e quando os educandos não gostam do que estão fazendo, e a atividade pedagógica acaba com a conclusão de seu objetivo ou pela não participação dos educandos. O respeito ao posicionamento do educando deve ser exercido para que ele se torne autônomo e construtor de sua identidade, o que não ocorreu neste momento da aula);

ocorrido desistências ou retirada de alunos pelo erro (atividades de exclusão pela perda ou erro reforçam uma competição excessiva, onde a mensagem: se eu não for bom, não vou poder participar esta implícita. Estas atividades podem ser traumáticas para os educandos, principalmente, os de menores idades. É o

reforço do modelo competitivo de jogos, se o jogo está acontecendo na forma de brincadeira, ninguém quer sair e quando há a exclusão por regra do jogo, pode haver mágoa. O jogo de fato não proporcionava a integração);

Alguns alunos que não demonstraram interesse (interessar é ser atrativo. Quando os educandos não mostram interesse, pode ser que as atividades não estejam de acordo com sua vontade ou a explanação do tema não foi bem desenvolvida pelo educador, mas a também aqueles que antes de qualquer coisa não querem participar e depois que vêem a atividade acontecendo querem entrar na atividade, ai cabe ao educador conversar sobre a participação na aula. Não houve o interesse de alguns educandos nesta última atividade do estágio, mas para parecer um fechamento 'bonito aos olhos', os estagiários insistiam para os educandos participarem da aula);

persistência dos estagiários em que todo o grupo estivesse participando da atividade (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. Convidar os educandos para participar é uma atitude interessante, mas se eles não têm interesse na atividade, então a persistência se torna 'burrice'. Aula não é o cumprimento das atividades do seu plano. Não houve o respeito da vontade de alguns educandos de não participarem)

4.3 – 2006/1 – 3º Bloco

4ª Aula (2ª aula do bloco 3): observada - dia 09/06/06 das 11:10h às 11:55h da turma 4ª série (A). Aula ministrada pelo (a) Professor (a) titular de Educação Física.

Professora entre em sala de aulas e **organiza os alunos para saída até a quadra** de esportes. Após a chegada na quadra, professora **solicita aos alunos que estejam sentados e formem um círculo para discussão sobre demora** por parte dos alunos para sair de sala de aula e chegar à quadra. Algumas **regras** são colocadas para que seja **melhorada a situação**, sendo acatadas pelos alunos. Neste momento podemos constatar que a **professora exerce seu papel de líder perante o grupo**, demonstrando **firmeza** nas colocações e **autoridade, e não autoritarismo**.

As **regras** da brincadeira são reforçadas aos alunos e esclarecidas, inclusive com **sugestões** destes. Podemos verificar que a professora mostra-se **flexível e aberta aos alunos para discussão e incentivo a sugestões**, o que torna **forte o vínculo professor-aluno, facilitando seu trabalho e tornando a aula estimulante aos alunos**.

Para a **separação das equipes**, a professora forma duas filas, meninos e meninas e **separa as equipes aleatoriamente de forma mista**. Verificamos assim, que existe um estímulo para que **todos trabalhem juntos e não sejam criados obstáculos** para o trabalho na questão do gênero.

...**intervenção** da professora quando necessário seja nos conflitos entre os alunos que eram resolvidos no momento, no esclarecimento de regras ou ainda no incentivo para estimular os alunos a **participarem mais intensamente**. Neste ultimo caso, ocorreu inclusive **participação da professora na brincadeira**. Desta

forma, podemos observar que a professora **mostra-se presente durante todo o período de aula, demonstrando interesse na evolução dos alunos e se estão sendo alcançados os objetivos** daquele dia, ou seja, foi uma aula executada com responsabilidade e compromisso.

Destacamos também, que durante a aula foram **surgindo idéias por parte dos alunos** com relação a brincadeira, que **eram valorizadas pela professora**, demonstrando mais uma vez sua **intenção de atuar com o grupo** de alunos e em seu aprendizado, **porém sempre orientando estes**.

Conforme relato da professora, **o objetivo da brincadeira** era trabalhar o grande jogo, a **organização dos alunos** em suas respectivas equipes e sua **criatividade na solução dos problemas** que surgiam...

Interpretação - Facilitador:

regras (regras são importantes para a organização, mas elas não devem ser impostas e sim construídas com os educandos. Os educandos se identificam com a brincadeira, pois tiveram a participação na construção de suas regras);

sugestões (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e assim o educador poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro. Neste momento, ao contrário do anterior, a educadora proporcionou o espaço para os educandos participarem da construção das regras e assim se identificarem com a atividade);

flexível e aberta aos alunos para discussão e incentivo a sugestões (ser flexível é estar aberto as possibilidades, melhor ainda se estas possibilidades são sugestões de educandos, o que de fato aconteceu neste instante);

forte o vinculo professor-aluno, facilitando seu trabalho e tornando a aula estimulante aos alunos (criar vinculo professor-aluno é inevitável, a qualidade desta relação é que tem importância, ela pode ser de ser para ser (educador-educando), ou também o que sabe e o que não sabe (professor-aluno), ou ainda, repressor e reprimido (facilita a dor e recebe a dor do outro). A educadora respeita e aceita os educandos, apesar de às vezes ter uma postura autoritária. Os educandos se sentem confiantes com a educadora);

sugestões (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e assim o educador poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro);

separação das equipes (caso haja numa atividade a divisão em equipes, que esta divisão seja feita conforme a vontade dos educandos e por sorteio, a divisão por gênero, competência e habilidade, trazem conflitos e contribuem para a fragmentação da das relações entre os educandos. O que ficou evidenciado pela separação aleatória das equipes);

separa as equipes aleatoriamente de forma mista (caso haja numa atividade a divisão em equipes, que esta divisão seja feita conforme a vontade dos educandos e por sorteio, a divisão por gênero, competência e habilidade, trazem conflitos e contribuem para a fragmentação da das relações entre os educandos. A divisão das equipes era feita aleatoriamente sem que critérios fragmentadores das relações fossem utilizados);

todos trabalhem juntos e não sejam criados obstáculos (o obstáculo que não se deseja numa aula é aquele que não proporcionará a ampliação do conhecimento que esta sendo trabalhado na disciplina. O incentivo para que houvesse a participação de todos foi realizado);

intervenção (a qualidade e o momento da intervenção são fundamentais para que ela se legitime como uma ação em prol da aula ou não, a intervenção é uma mediação. As intervenções foram para a organização da turma);

participarem mais intensamente (participar é estar envolvido em algo, é estar integrado. A participação da educadora nas atividades proporcionava ao educandos confiança para que se envolvessem mais na atividade)

participação da professora na brincadeira (este gesto mostra que a educadora esta envolvida e assim passa confiança para os educandos se envolverem na aula);

mostra-se presente durante todo o período de aula (a participação da educadora é integral, portanto ela deve estar presente. A educadora se mostra bem participativa e motivada);

demonstrando interesse na evolução dos alunos e se estão sendo alcançados os objetivos (os objetivos da aula devem estar de acordo com os objetivos dos educandos e do educador. Há sintonia entre educador e educandos, a educadora busca estar próxima dos educandos para saber suas compreensões sobre as atividades);

surgindo idéias por parte dos alunos (é o retorno que o educador espera da parte dos educandos, é de extrema importância que a educadora perceba este momento e facilite seu acontecimento, o que de fato acontece nesta aula);

eram valorizadas pela professora (incentivar a participação dos educandos traz confiança para os mesmo e a valorização de suas idéias também, e ainda pode contribuir para auto-estima do educando);

intenção de atuar com o grupo (a aula é um momento coletivo e a educadora trabalhou com o grupo inteiro);

o objetivo da brincadeira (a brincadeira não tem objetivo que não seja nela mesma. Portanto não estamos falando do brincar, e sim, das atividades pedagógicas da aula que, podem ou não estar acontecendo como brincadeira. Neste caso a atividade pedagógica aconteceu na forma de uma brincadeira e os objetivos foram alcançados)

organização dos alunos (organização é fundamental, mas os educandos devem sentir a importância da organização para aula, e não ser apenas uma solicitação do educador, ou seja, mais um comando que os educandos devem obedecer senão serão castigados. Foram proporcionados momentos de organização dos educandos, mas como foi escrito na frase destacada: '**porém sempre orientando estes** ', há um certo exagero nas orientações da educadora com os educandos);

criatividade na solução dos problemas (usar a capacidade criativa do ser humano para a solução dos problemas pedagógicos é o que pretende a educação. E a educadora conseguiu incentivar a criatividade dos educandos para os desafios sugeridos).

Interpretação – Facilita a dor:

organiza os alunos para saída até a quadra (organização é fundamental, mas os educandos devem sentir a importância da organização para aula, e não ser apenas uma solicitação do educador, ou seja, mais um comando que os educandos devem obedecer senão serão castigados. Na aula houve o questionamento sobre a importância da organização, apenas a educadora dizia como os educandos deveriam proceder);

solicita aos alunos que estejam sentados (de novo, os educandos devem sentir a importância de estarem sentados, e não cumprir uma ordem senão serão punidos. A solicitação foi na forma de uma exigência);

formem um círculo para discussão sobre demora (o diálogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e assim o educador poder perceber o que está acontecendo na aula na perspectiva do outro. Mas este momento aconteceu com a professora falando e os educandos escutando, ou seja, 'quem sabe está falando e quem não sabe tem que escutar');

regras (regras são importantes para a organização, mas elas não devem ser impostas e sim construídas com os educandos. As regras não foram construídas e sim, impostas. Portanto os educandos não se sentem identificados com elas e as vêem como o cumprimento de um exigência);

melhorada a situação (quem define que a situação está ruim? a aula é apenas do educador ou da turma toda, incluindo o educador?. Os educandos não compreenderam a importância da organização da turma para a saída da sala até a quadra. Portanto a situação estava ruim para a educadora que ficou nervosa pela dispersão de alguns educandos);

professora exerce seu papel de líder perante o grupo (é estar cumprindo o seu dever com a turma, mas é fundamental a um educador que treine a percepção dos acontecimentos da aula para que sua atitude esteja em sintonia com os objetivos propostos e a vontade dos educandos. Mas neste caso a professora estava numa postura autoritária, pois falava como se comandasse os educandos e estes não tinham a possibilidade de argumentar e questionar o que estava acontecendo);

firmeza (agir com firmeza é saber o que está fazendo, firmeza é diferente de dureza e rigidez. A educadora falou com propriedade sobre a questão da organização, pois reconhece sua importância para a harmonia da aula, mas os educandos ainda não experimentaram a importância da organização, e portanto, apenas cumprem uma ordem);

autoridade, e não autoritarismo (educador é uma posição de autoridade perante a turma, ou seja, é o líder, mas isto não significa que sua postura deva ser autoritária, pelo contrário, o educador é todo ouvido para sugestões, possibilidades e diálogos. Mas neste momento a postura da educadora foi de autoritária apesar de estar escrito que não, pois não havia espaço para os educandos colocarem seus pontos de vista);

porém sempre orientando estes (o educador é aquele que dá o empurrãozinho inicial e depois deixa que o educando trilhe seu caminho, então não estará SEMPRE orientando o educando. Na atuação da educadora há um certo exagero na orientação dos educandos, principalmente para que não se machuquem, mas nada que os impossibilitem de estarem participando da aula);

4.4 – 2006/1 – 4º Bloco

5ª Aula (8ª aula do bloco 4): observada - dia 11/07/06 das 07:35h às 08:25h da turma 4ª série (A). Aula ministrada pelos (as) estagiários (as) de Educação Física.

O professor/estagiário entra na sala e **expõe** as atividades propostas no plano de aula. **Dando uma breve explicação** do desenvolvimento das mesmas.

...**professor/estagiário e os alunos dirigem-se** até o campo gramado...

O professor/estagiário **pede** que um aluno vá até o meio da roda e cante a música enquanto os outros ouvem e fazem as mímicas sugeridas na música. A atividade é repetida e o aluno do meio da roda é trocado. **Apesar de estarem gostando da atividade os alunos solicitam uma outra brincadeira e o professor/estagiário inicia a brincadeira** da *Jibóia*...

A aula transcorre em harmonia com todos participando e se divertindo, inclusive o professor/estagiário, atingindo assim os objetivos estabelecidos.

A relação professores/estagiários-alunos é ótima. **O professor/estagiário está presente nas atividades quanto corpo brincante e não somente como líder.** Isso faz com que a **motivação dos alunos aumente**. Está também sempre **atento a respeito da segurança dos alunos**.

Um **pequeno conflito** foi gerado devido a uma atividade (*Polícia e Ladrão*), **prometida pelo professor/estagiário e esperada com ansiedade pelos alunos**, que não foi realizada por **não sobrar tempo**. Mas o professor/estagiário soube **contornar a situação se comprometendo** a realizá-la na próxima aula.

Alguns alunos não participaram da aula devido à **regra estabelecida pela escola** de que os alunos devem estar devidamente uniformizados para a realização das atividades físicas, caso contrário ficará sem realizá-las.

Interpretação - Facilitador:

expõe (expor aos educandos as atividades e os objetivos da aula é importante pelo simples fato deles saberem o que estão fazendo, e assim, terem maior participação na proposta que supostamente foram co-criadores. Apesar dos educandos não serem co-criadores da proposta de aula, houve a exposição das atividades e a abertura para a discussão sobre as mesmas);

Dando uma breve explicação (explicar é buscar a compreensão do outro sobre algo que esta sendo comunicado, é a tentativa de esclarecer uma situação. Linguagem que o professor utiliza muito em sua atividade profissional. Houve a abertura para a discussão das atividades);

professor/estagiário e os alunos dirigem-se (dirigir os educandos pode ser interpretado como uma orientação, que é um encaminhamento esclarecedor, a visualização do caminho a seguir. O caminho visualizado era o campo de grama onde seria realizada a aula);

pede (pedir é a forma gentil de requer algo ou de fazer uma solicitação. O educando foi ao meio da roda por vontade própria, após o pedido);

Apesar de estarem gostando da atividade os alunos solicitam uma outra brincadeira e o professor/estagiário inicia a brincadeira (quando o educador consegue relacionar o que os educandos gostam de fazer com os objetivos didático-pedagógicos, então grande parte do processo pedagógico esta encaminhado. O educador deve tomar cuidado, justamente para não fazer nem aquilo que os educandos querem e esquecer os objetivos da turma, e nem em ficar apenas no desenvolvimento de atividades relacionadas aos objetivos didático-pedagógicos, sendo que os educandos preferem outras atividades. Portanto, proporcionar momentos de discussão sobre a atividade que esta acontecendo é de fundamental importância se o educador tiver o interesse de saber o que sentem e pensam os educandos. A transição de uma atividade para a outra se deu de forma harmoniosa);

A aula transcorre em harmonia com todos participando e se divertindo, inclusive o professor/estagiário, atingindo assim os objetivos estabelecidos (a aula é para todos os presentes, inclusive o educador. Fica claro nesta frase que a atividade estava transcorrendo com sucesso. Nesta aula o clima era de harmonia, e participação de todos era de atenção naquilo que se estava fazendo, as atividades passaram a ser brincadeiras para todos, pois estavam gostando de realizá-las);

O professor/estagiário está presente nas atividades quanto corpo brincante e não somente como líder (atitude que propicia o envolvimento dos educandos, trazendo confiança a estes para que desenvolvam o que esta sendo proposto. Além de estar na posição de organizador da atividade, o educador estava participando e brincando com os educandos);

motivação dos alunos aumente (o educando se sentindo engajado e participativo na proposta de aula a motivação dele aumenta e o aprendizado acontece harmoniosamente. Nesta aula não era preciso motivar os educandos, pois as atividades e a participação do educador nelas estavam de acordo com a vontade destes que se sentiam envolvidos e engajados no que estava acontecendo ali);

atento a respeito da segurança dos alunos (é importante cuidar da segurança dos educandos, mas isto não pode se tornar um obstáculo para a realização de algumas atividades que, eventualmente, possam ter riscos. O educando ter a confiança que pode realizar determinada atividade que, caso aconteça algum erro na sua execução o educador estar lá para lhe ajudar, esta é a finalidade da segurança. O educador estava presente o tempo inteiro da aula, auxiliando e ajudando os que pediam);

pequeno conflito (conflitos destroem a sensibilidade do cérebro (Krishnamurti) e a relação entre os seres humanos, dependendo de sua intensidade. As emoções geradas num conflito, geralmente, são de baixa vibração. Mas no processo ensino-apredizagem pequenos conflitos atualmente são naturais, principalmente entre os educandos, pelos contatos que ocorrem nas aulas de Educação Física, sendo que cabe ao educador a tarefa de problematizar estes conflitos com a turma para seu esclarecimento e compreensão. Houve a conversa sobre o pouco tempo para a realização desta atividade, sendo que poderia ser realizada em outra aula);

prometida pelo professor/estagiário e esperada com ansiedade pelos alunos (ser verdadeiro com os educandos é de fundamental importância para que a confiança na relação educador-educando não seja abalada. Portanto, no momento que é feita uma promessa, esta deve ser cumprida. Posteriormente houve a

realização desta atividade);

não sobrar tempo (a questão do tempo é relativa, por exemplo: se o educador utilizar uma aula inteira para mostrar aos educandos a importância da organização e o tempo (cronológico) que leva para a turma chegar até a quadra para fazer as atividades daquele dia, e os educandos compreenderem isto, então o tempo de uma aula valeu muito e nas outras aulas a turma já terá a compreensão que a ordem é importante para o andamento da aula. Como as atividades passadas estavam acontecendo em harmonia e no brincar, então não sobrou tempo para a realização de uma atividade que os educandos gostam muito o 'polícia e ladrão', mas o que podemos sentir não era que a reclamação fosse para a realização do 'polícia e ladrão', e sim pela aula ter terminado e tempo ter parecido passar muito rápido);

regra estabelecida pela escola (regras são importantes para a organização, mas elas não devem ser impostas e sim construídas com os educandos. A regra quanto ao uniforme para a aula de Educação Física é da escola e não dos educadores e educandos, assim estes não têm participação na sua construção, apenas as cumprem)

Interpretação – Facilita a dor:

contornar a situação se comprometendo (uma situação não é para ser contornada, e sim esclarecida. Se a forma de esclarecer a situação foi se comprometendo, então que cumpra como que se comprometeu. A situação foi esclarecida no momento da aula, mas se comprometer pode não ser o caminho adequado);

regra estabelecida pela escola (regras são importantes para a organização, mas elas não devem ser impostas e sim construídas com os educandos. A regra quanto ao uniforme para a aula de Educação Física é da escola e não dos educadores e educandos, assim estes não têm participação na sua construção, apenas as cumprem).

6ª Aula (11ª aula do bloco 4): observada - dia 18/07/06 das 07:35h às 08:25h da turma 4ª série (A). Aula ministrada pelos (as) estagiários (as) de Educação Física.

A aula começa um pouco atrasada. O professor/estagiário entra na sala e **conversa** com os alunos sobre a última aula. **Levantando questões** como: o motivo pelo qual alguns alunos saíram da aula; a causa de **uns gostarem da atividade e outros não...**

Uma **aluna expõe** uma delas, **mas o professor/estagiário fala que a música é muito grande e que seria difícil fazer** com que todos aprendessem naquela aula, portanto não a realiza. Há nessa **conduta um grave erro**, já que foi **solicitado** que eles trouxessem uma Brincadeira Cantada, que ela seria utilizada na aula, e a **aluna se prontificou a ir à frente dos colegas cantar a música e explicar a brincadeira, o professor/estagiário tinha que ter aproveitado essa oportunidade para enriquecer sua aula.**

O professor/estagiário **expõe** as atividades propostas no plano de aula, deixando claro que **a segunda atividade só será realizada se todos cooperarem e participarem da primeira...**

...o professor/estagiário **distribui os instrumentos improvisados (3 baldinhos e 2 chocalhos feitos de latinha de refrigerante), mas não fica com nenhum instrumento para conduzir os alunos e a atividade acaba não sendo desenvolvida como o esperado.** Talvez também por **não haver motivação por parte do professor e cooperação dos alunos.**

A segunda atividade é iniciada (*Polícia e Ladrão*) **sem que o professor/estagiário questione os alunos sobre a colaboração na atividade anterior e o motivo pelo qual ela não evoluiu.** Como restava **pouco tempo**, visto que a atividade não chega a ser completada, **o professor/estagiário poderia ter feito esse questionamento e não dar início a segunda atividade**, pois como foi dito em sala, **ela só aconteceria se houvesse a cooperação e participação dos alunos.** Além disso, **o sinal soou e o professor/estagiário teve que procurar os alunos pela escola, já que não determinou um espaço para a realização do *Polícia e Ladrão*, atrasando o término da aula.**

Por não estarem com o vestuário adequado para a realização das atividades, alguns alunos não puderam participar da aula. Esta é uma **regra estabelecida pela escola.**

Interpretação - Facilitador:

conversa (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim o professor poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro. Estas conversas aconteceram no começo de todas as aulas, assim situações puderam ser esclarecida);

Levantando questões (proporcionar momentos de discussão sobre a atividade que esta acontecendo e o caminho que a aula está seguindo é de fundamental importância, se o educador tiver o interesse de saber o que sentem e pensam os educandos);

solicitado (solicitar é um pedido e não uma exigência, portanto o tom e a atitude de uma solicitação não necessariamente deve acontecer com gritos e atos que representem intimidamento e agressividade. Este pedido foi feito em outras aulas, na forma de tarefas para casa, sendo feito por parte dos educandos);

regra estabelecida pela escola (regras são importantes para a organização, mas elas não devem ser impostas e sim construídas com os educandos. A regra quanto ao uniforme para a aula de Educação Física é da escola e não dos educadores e educandos, assim estes não tem participação na sua construção, apenas as cumprem)

Interpretação – Facilita a dor:

A aula começa um pouco atrasada (o educador deve ter uma postura de responsabilidade e compromisso em sua atividade profissional, e a pontualidade é uma atitude que representa isso. Mas há motivos que podem justificar um eventual

atraso, como por exemplo, engarrafamento no trânsito, funcionário que faltou e esta com a chave da sala de aula, meio de transporte quebrado e outros tantos acontecimentos não previstos previamente. Neste caso o atraso se deu pela exigência do colégio dos educandos realizarem um fila para entrar em sala);

uns gostarem da atividade e outros não (quando o educador consegue relacionar o que os educandos gostam de fazer com os objetivos didático-pedagógicos, então grande parte do processo pedagógico está encaminhado. O educador deve tomar cuidado, justamente para não fazer nem aquilo que os educandos querem e esquecer os objetivos da turma, e nem em ficar apenas no desenvolvimento de atividades relacionadas aos objetivos didático-pedagógicos, sendo que os educandos preferem outras atividades. É compreensível que uns gostem e outros não das atividades propostas, mas aceitar quando não é feita a vontade de determinado educando pode ser um tema a se trabalhar em aula. Tema que foi pouco trabalhado nas aulas);

aluna expõe (os educandos expõem as atividades é um reforço sobre o que está sendo desenvolvido na aula. É importante pelo simples fato deles saberem o que estão fazendo, e assim, terem maior participação na aula. É aconselhável que o educador valorize a atitude dos educandos que se prontificarem a apresentar. Nesta aula não houve o incentivo e a valorização da atitude da educanda);

mas o professor/estagiário fala que a música é muito grande e que seria difícil fazer (trabalhos, tarefas e assuntos relacionados a aula trazidos pelos educandos devem ser valorizados, mesmo que sejam inviáveis ou de difícil realização. A tentativa de realização mostrará a eles (educandos) a viabilidade ou não da proposta, sendo que por se tratar de uma experiência seu valor será muito maior do que a palavra de 'ante-mão' do educador dizendo não ser possível);

conduta um grave erro (erros acontecem, mas o que pode ser fundamental para a correção dele é o seu reconhecimento e o pedido de desculpa com o(s) educando(s). Neste caso o erro do educador foi de não valorizar a atitude da educanda de cantar a música da atividade que trouxe de casa e ainda dizer que a música era muito comprida para que todos a apreendessem para a realização da atividade);

aluna se prontificou a ir na frente dos colegas cantar a música e explicar a brincadeira, o professor/estagiário tinha que ter aproveitado essa oportunidade para enriquecer sua aula (os educandos expõem as atividades é um reforço sobre o que está sendo desenvolvido na aula. É importante pelo simples fato deles saberem o que estão fazendo, e assim, terem maior participação na aula. É aconselhável que o educador valorize e incentive a atitude dos educandos que se prontificarem a apresentar. Aliás, a aula não é somente do educador, e sim da turma como um todo. Portanto, aproveitar os momentos em que os educandos se prontificam a apresentar suas tarefas é um momento especial para estes, pois estão na frente da turma toda);

expõe (expor é colocar à vista de todos, mostrar, apresentar. O educador ser transparente em suas idéias, planos e intenções com os educandos é de fundamental importância para que esta relação se forme na confiança mútua. A exposição da atividade foi feita na forma de ameaça, onde somente seria realizado o 'polícia e ladrão', se eles cooperassem na primeira atividade);

a segunda atividade só será realizada se todos cooperarem e

participarem da primeira (promover a participação dos educandos pela chantagem e/ou ameaça não contribui para a educação dos mesmos. Mesmo que traga a participação momentânea dos educandos, eles podem estar realizando as atividades sem estar realmente com a atenção no que estão fazendo. Nem o educador e nem os educandos se identificavam com a atividade que estava sendo proposta, portanto deveria haver mudança no plano de aula e a discussão com a turma sobre o que poderia ser feito);

o professor/estagiário distribui os instrumentos improvisados (3 baldinhos e 2 chocalhos feitos de latinha de refrigerante), mas não fica com nenhum instrumento para conduzir os alunos e a atividade acaba não sendo desenvolvida como o esperado (quando o educador propõem algo é importante que se identifique com o que esta propondo e ser o primeiro a ter a atitude de fazer. Não havendo a iniciativa do educador é provável que a atividade não se desenvolva com sucesso, o que de fato aconteceu);

não haver motivação por parte do professor e cooperação dos alunos (os educandos devem sentirem-se envolvidos e engajados no tema relacionado a aula para então cooperarem, isto trará a motivação e a participação dos mesmos. Mas se nem o próprio educador se sente motivado pelo que está desenvolvendo, então fica claro que não haverá participação e cooperação por parte dos educandos, pois não haverá a ‘sedução’ dos mesmos para a aula);

sem que o professor/estagiário questione os alunos sobre a colaboração na atividade anterior e o motivo pelo qual ela não evoluiu (propor a reflexão sobre as atividades na forma de questionamentos pode ser um recurso do educador para a construção do conhecimento sobre o tema e a oportunidade do dialogo entre educandos e educador. Não aconteceu nem o questionamento e muito menos a reflexão sobre a não evolução da atividade);

pouco tempo (a questão do tempo é relativa, por exemplo: se o educador utilizar uma aula inteira para mostrar aos educandos a importância da organização e o tempo (cronológico) que leva para a turma chegar até a quadra para fazer as atividades daquele dia, e os educandos compreenderem isto, então o tempo de uma aula valeu muito e nas outras aulas a turma já terá a compreensão que a ordem é importante para o andamento da aula. O tempo restante de aula não era suficiente para a realização da próxima atividade, e portanto não deveria ter sido iniciada);

o professor/estagiário poderia ter feito esse questionamento e não dar início a segunda atividade (propor a reflexão sobre as atividades na forma de questionamentos pode ser um recurso do educador para a construção do conhecimento sobre o tema e a oportunidade do dialogo entre educandos e educador. Não aconteceu nem o questionamento e muito menos a reflexão sobre a não evolução da atividade);

ela só aconteceria se houvesse a cooperação e participação dos alunos (promover a participação dos educandos pela chantagem e/ou ameaça não contribui para a educação dos mesmos. Mesmo que traga a participação momentânea dos educandos, eles podem estar realizando as atividades sem estar realmente com a atenção no que estão fazendo);

o sinal soou e o professor/estagiário teve que procurar os alunos pela escola, já que não determinou um espaço para a realização do *Polícia e Ladrão*, atrasando o término da aula (a questão não está na determinação do espaço para a

atividade. A organização da aula e o respeito as regras do jogo é que devem estar claras para os educandos, caso não haja o cumprimento das regras então o questionamento com a turma sobre elas deverá ser realizado. E, se o tempo da aula (que faz parte da regra da atividade) for curto para a realização de tal atividade, então esta será realizada numa outra oportunidade, o que deveria ter acontecido. Mas como o educador havia se comprometido em realizar esta atividade com a turma, então seguimento no plano de aula atrasando a próxima aula);

regra estabelecida pela escola (regras são importantes para a organização, mas elas não devem ser impostas e sim construídas com os educandos. A regra quanto ao uniforme para a aula de Educação Física é da escola e não dos educadores e educandos, assim estes não tem participação na sua construção, apenas as cumprem).

7ª Aula (12ª aula do bloco 4): observada - dia 21/07/06 das 11:05h às 11:50h da turma 4ª série (A). Aula ministrada pelos (as) estagiários (as) de Educação Física.

Neste último dia de estagio, **a estagiaria responsável pela aula decidiu realizar** uma atividade de brincadeira cantada e outra tradicional, fechando a aula com **avaliação conjunta entre alunos e estagiários**. Em sala de aula a **estagiaria apresentou** as atividades do dia aos alunos e **ensinou** a letra da primeira atividade (brincadeira cantada) **conforme plano de ensino**.

...os alunos **foram orientados a dirigirem-se** para o gramado. Já no local, foi dado início a primeira atividade (brincadeira cantada) que transcorreu com a **participação** dos alunos, após **explicação de como estes deveriam proceder** durante esta. Alguns alunos neste dia estavam mais **eufóricos**, talvez por ser o último dia de aula antes das férias de julho.

...todos participaram de **forma espontânea**...

Solicitamos que os alunos se acomodassem na sombra de arvores no gramado, já que estava muito quente, e **solicitamos aos mesmos que comentassem o que perceberam** do estagio e atividades realizadas.

Também **foi relatado pelos alunos que gostaram das aulas por poderem dar sugestões** e que com as brincadeiras cantadas também **podiam se divertir**, principalmente aquelas que davam **oportunidade para correr e não ficavam muito parados**. Nestas falas podemos **perceber que os alunos compreenderam as propostas trazidas pelo estagio**...

Também podemos **perceber em suas falas que algumas brincadeiras sem muita movimentação eram menos participativas e que sendo sugerida pelos alunos alguma alteração, estes participavam com mais interesse**. Colocamos aos alunos a **intenção de nossa proposta**, ou seja, que realizassem outras brincadeiras que também eram divertidas, que **foi importante suas sugestões e modificações pela criatividade** de brincadeiras tradicionais em cantadas. No final **agradecemos a colaboração de todos**, inclusive da professora titular responsável pelas aulas que estava nos acompanhando no dia a dia do estagio.

...ocorreu **boa relação no processo avaliativo entre estagiários e alunos e que estes compreenderam a proposta trazida pelos estagiários, principalmente no aspecto sugestões dos alunos nas atividades e criatividade dos mesmos**

nestas e suas modificações.

Interpretação – Facilitador:

avaliação conjunta entre alunos e estagiários (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim o professor poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro. Neste último encontro do estágio no Colégio de Aplicação o momento de fechamento foi numa conversas aberta entre educadores e educandos);

foram orientados a dirigirem-se (dirigir os educandos pode ser interpretado como uma orientação para , que é um encaminhamento esclarecedor, a visualização do caminho a seguir. O gramado foi o espaço mais harmonioso para as aula, pois caso acontece alguma queda, ela se daria na grama e não cimento tendo menos risco de machucados);

participação (participar é fazer parte e estar envolvido em alguma coisa, e isso requer comunicação, portanto já sugere ação pedagógica. Neste dia os educandos estavam participativos e motivados);

eufóricos (euforia conforme o dicionário: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx, é estado de espírito de satisfação e alegria fora do normal; alegria intensa e expansiva; entusiasmo. Sendo direcionada para a aula, pode contribuir para o seu desenvolvimento, como aconteceu de fato nesta aula apesar de estarem um pouco dispersos por ser o último dia antes das férias de julho);

forma espontânea (incentivar a espontaneidade dos movimentos é interessante para proporcionar os descobrimentos individuais. A participação dos educandos foi espontânea sem que os educadores necessitassem motivá-los à participar das atividades);

solicitamos aos mesmos que comentassem o que perceberam (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim o professor poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro. Este diálogo aconteceu de forma descontraída e todos educandos tiveram a oportunidade de falar sobre as experiências desenvolvidas);

foi relatado pelos alunos que gostaram das aulas por poderem dar sugestões (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim o professor poder perceber o que esta acontecendo na aula na perspectiva do outro. Esta foi uma das pretensões do estágio, e em alguns momentos pode-se perceber que isto foi proporcionado, mesmo com a pouca experiência dos estagiários na concepção de aulas abertas às experiências);

podiam se divertir (Sinal de que estavam gostando das atividades mesmo com diversas críticas as ‘brincadeiras’ cantadas, pois diziam ser atividades para crianças menores);

oportunidade para correr e não ficavam muito parados (a inclusão dos jogos tradicionais e de ‘brincadeiras’ cantadas com movimentação mais intensa nos temas das aulas foi justamente pela sugestão dos educandos que diziam que algumas atividades de ‘brincadeiras’ cantadas proporcionavam pouca movimentação);

perceber que os alunos compreenderam as propostas trazidas pelo

estagio (compreender é ter o entendimento sobre, e/ou perceber o que esta acontecendo. Portanto o objetivo do estágio foi alcançado);

perceber em suas falas que algumas brincadeiras sem muita movimentação eram menos participativas e que sendo sugerida pelos alunos alguma alteração, estes participavam com mais interesse (a inclusão dos jogos tradicionais e de 'brincadeiras' cantadas com movimentação mais intensa nos temas das aulas foi justamente pela sugestão dos educandos que diziam que algumas atividades de 'brincadeiras' cantadas proporcionavam pouca movimentação);

intenção de nossa proposta (No começo do estágio foi exposta a intenção de nosso trabalho, e ao final podemos constatar que, mesmo com diversos obstáculos tanto pela inexperiência dos estagiários na proposta didático-pedagógica quanto pela mudança do modo habitual que os educandos realizavam as aulas de Educação Física, os objetivos do estágio foram alcançados);

foi importante suas sugestões e modificações pela criatividade (o dialogo é dar a oportunidade do educando expor aquilo que quer e percebe, e assim proporcionar mudanças dos cursos sugeridos pelo educadores pela criatividade dos educandos. Em alguns momentos pode-se perceber que isto foi proporcionado, mesmo com a pouca experiência dos estagiários na concepção de aulas abertas às experiências);

agradecemos a colaboração de todos (por podermos ter a oportunidade de ampliar a nossa experiência como professores iniciantes, numa instituição organizada e agradável e com seres humanos que nos receberam bem, agradecemos a todos os educandos e, especialmente a professora titular de Educação Física da turma que esteve conosco neste processo didático-pedagógico);

ocorreu boa relação no processo avaliativo entre estagiários e alunos e que estes compreenderam a proposta trazida pelos estagiários, principalmente no aspecto sugestões dos alunos nas atividades e criatividade dos mesmos nestas e suas modificações (criar vinculo professor-aluno é inevitável, a qualidade desta relação é que tem importância, ela pode ser de ser para ser (educador-educando), ou também o que sabe e o que não sabe (professor-aluno), ou ainda, repressor e reprimido (facilita a dor e recebe a dor do outro). Além de ter sido criada uma relação harmoniosa entre educandos e educadores, houve a compreensão da proposta e o incentivo da criatividade para a solução dos problemas das atividades de aula)

Interpretação – Facilita a dor:

a estagiaria responsável pela aula decidiu realizar (as decisões não precisam ser tomadas exclusivamente pelo educador, é interessante discutir com os educandos o caminho a ser tomado. A educadora decidiu o que seria realizado sem propor a discussão das atividades);

estagiaria apresentou (expor aos educandos os objetivos da aula é importante pelo simples fato deles saberem o que estão fazendo, e assim, terem maior participação na proposta que supostamente foram co-criadores. Este momento em sala aconteceu em todas as aulas, onde os educadores apresentavam as atividades e a explicação delas, mas neste dia não houve a abertura para o diálogo

sobre as mesmas e a educadora apenas informou o que seria realizado);

ensinou (o ensino se deu na decoração da letra da música e não na compreensão da mesma. Portanto não havia a contextualização e a significância da mesma, apenas o fazer por fazer);

conforme plano de ensino (o plano de ensino e o plano de aula são norteadores do trabalho que se esta realizando, mas são flexíveis. Os caminhos para o encaminhamento das aulas aparecem assim que a atuação pedagógica começa e nem sempre podem ser previstos previamente. Como não houve a discussão das atividades, então o plano foi seguido linearmente sem possibilidade de mudança);

explicação de como estes deveriam proceder (explicar é buscar a compreensão do outro sobre algo que esta sendo comunicado, é a tentativa de esclarecer uma situação. Mas com abertura para possibilidades de proceder que não houve, pois a educadora ensinou os movimentos e não questionou os educados sobre outras possibilidades de execução dos movimentos);

oportunidade para correr e não ficavam muito parados (os educandos trazem para a aula de Educação Física a expectativa de correr, brincar e se movimentar. Portanto, mesclar atividades que proporcionem isto com atividades mais calmas podem ser um caminho. Conversas entre educandos e educadores são importantes quando há uma questão para ser esclarecida, mas conversas demais podem tornar a aula chata)

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo essencial da pesquisa era de verificar as oscilações do educador na sua atuação profissional entre ‘facilitador’ e ‘facilita a dor’. É importante ficar claro que esta oscilação foi verificada em todas as aulas, tanto na atuação dos estagiários quanto dos professores titulares das escolas, sendo que em algumas aulas havia mais a presença do educador ‘facilitador’ e em outras do ‘facilita a dor’.

Na nossa interpretação as aulas de maiores contrastes foram as 5ª e 6ª aulas analisadas, ou seja, as 8ª e 11ª aulas do estágio no Colégio de Aplicação, respectivamente. É possível perceber que numa, a atenção dos educandos e do educador está focada na atividade que está acontecendo e estão gostando de realizá-la, portanto está acontecendo no brincar, havendo sintonia entre os mesmos e o desenvolvimento com sucesso dos objetivos propostos, e na outra, além do educador estar desmotivado, pois não compreende que as atividades do plano daquela aula eram de seu interesse e do interesse dos educandos, e apenas as reproduz, pois naquele momento ele (educador) acredita que há a necessidade do cumprimento do plano de aula. E ainda, há a falta de comunicação entre educandos e educador, pois este último não questiona os educandos sobre as atividades e a vontade deles em realizá-las.

Os referenciais teóricos nortearam a pesquisa para o esclarecimento das interpretações das aulas observadas, dando fundamentos para o que este autor percebia como educador que facilita o amor, numa relação de aceitação e confiança e, o que facilita o aborrecimento, numa relação de autoritarismo e desconfiança com os educandos. Quando há uma relação amorosa, as possibilidades de descobrimentos individuais e coletivos são potencializadas e a aula transcorre no prazer e na ternura. Isto não quer dizer, que não seja

possível que haja as possibilidades de descobrimentos numa relação de autoritarismo, mas suas possibilidades são mais restritas, pois, apesar de aparentemente a aula poder estar mais organizada, a dispersão pode ser maior porque o educando pode estar parado, mas com a atenção em outro lugar.

As escolhas das aulas para a pesquisa, se deram após a leitura de todas das observações de aulas das Práticas de Ensino I e II em Educação Física. Houve a seleção dos parágrafos, frase e palavras que caracterizavam a relação educando-educador e o destacamento (negritos) desta relação. A interpretação destes destaques foi o próximo passo, com a ajuda do dicionário cibernético as palavras eram traduzidas e interpretadas em seu contexto, buscando o verdadeiro significado empregado nos relatos, para então ser caracterizado como uma postura de ‘facilitamor’ e ‘facilita a dor’.

Na construção da pesquisa, os estudos dos referenciais teóricos relacionados com as experiências e interpretações das aulas proporcionaram a compreensão por parte deste autor de elementos fundamentais para a prática docente. Elementos como a superação de limites de tempo e espaço através de um novo olhar sobre as possibilidades de aulas de Educação Física; a abertura do educador para a participação e o dialogo com educandos nas construções de aulas; ter objetivos definidos, mas flexíveis que são norteadores do caminho a seguir; ‘abrir os ouvidos’ para realmente escutar o outro; e outras tantas contribuições que estas experiências de educador e pesquisador proporcionaram na direção do aperfeiçoamento deste educador.

Na busca da conexão entre os eventos desenvolvidos (atividades pedagógicas) e a significância (compreensão) destes constrói-se ‘o tempo interior em aberto’, também chamado de consciência de si mesmo. E que chamamos nesta pesquisa do brincar. Quando o brincar está acontecendo, então a questões de tempo e espaço não são mais fatores determinantes, e o ser humano pode ser o momento presente e expressar-se na sua espontaneidade, que chamamos de corporeidade.

A leitura e interpretação do projeto político-pedagógico da graduação do curso de

licenciatura em Educação Física nos mostraram que seu currículo busca o relacionamento do conhecimento científico de diferentes áreas acadêmicas, caracterizado nesta pesquisa e no próprio projeto político-pedagógico do curso de dimensões do movimento humano. Neste projeto pouco mais de um quarto de seu currículo cabe diretamente a dimensão pedagógica do movimento humano, sendo que outras dimensões, como por exemplo, da manifestação da cultura do movimento humano também podem estar contribuindo para a formação dos professores desta área do conhecimento científico.

É possível constatar que existe a preocupação de que na formação dos professores aconteçam experiências de cunhos teóricos e práticos, e a relação entre estas (dialética). Mas também se pode notar que existe excessivo incentivo para a formação técnica dos educadores, onde técnicas disso e daquilo são altamente desenvolvidas e questões comportamentais se restringem ao crescimento, desenvolvimento e aprendizagem do ser humano, sendo pouco, ou nada, relacionado às emoções e sentimentos.

O se emocionar é a base da conservação de determinada cultura, segundo estudos do biólogo Maturana (2004). Portanto buscar a ampliação dos estudos deste curso na direção do conhecimento do ser humano e suas emoções e sentimentos, saindo do estritamente técnico-metodológico, pode proporcionar o melhoramento da compreensão da vida, e consequentemente da qualidade de vida.

6 – REFERÊNCIAS

BRAIDA, C. R. Apresentação. In: Schleiermacher, F. D. E. **Hermenêutica: arte e técnica da interpretação**. Trad./apr. Celso R. Braida. Bragança Paulista: São Francisco, 2003. p.7-22.

CARDOSO, C. L. Emergência humana, dimensões da natureza e corporeidade: sobre as atuais condições espaço-temporais do ‘se-movimentar’. **Revista Motrivivência**, ano 16, n. 22, p.93-114, jun. 2004.

_____. Para compreender o “tempo interior em aberto”: reflexões a partir de Schütz e Mead em direção à Educação Física e o esporte. **Revista Motrivivência**, ano 13, n. 18, p.151-64, mar. 2002.

_____. Concepção de Aulas Abertas. In: KUNZ, E. (Org.). **Didática da Educação Física**. Ijuí/RS: Unijuí, 1998. p.121-58, v.1.

_____. Uma proposta de prática de ensino na formação do professor de Educação Física. Santa Maria, 145 f. **Dissertação** (Centro Educação Física Desportos-CEFD) UFSM, 1988.

COLETIVO de Autores. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1992.

CURSO de Educação Física. Centro de Desportos/UFSC. Projeto Político-Pedagógico. Disponível em:
<http://www.portalcds.ufsc.br/arquivos/Projeto%20Curso%20de%20Licenciatura.pdf>.
Acessado em: 15.11.2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1986.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2003.

HILDEBRANDT, R. & LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Trad. Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1986.

HIRAI, R. T. Possibilidades para a realização da Concepção de “Aulas Abertas” na Educação Física Infantil. Florianópolis, 82 f. **Monografia** (Curso de Graduação em Educação Física - Centro de Desportos-CDS) UFSC, 2007.

KRISHNAMURTI, J. & BOHM, D. **A eliminação do tempo psicológico**. Trad. Cláudia G. Duarte. São Paulo: Cultrix, 1985.

KRISHNAMURTI, J. (Alcione). **Aos pés do mestre**. Trad. Fernando Pessoa. São Paulo: Pensamento, s.d. (Original, 1908/9).

KUNZ, E. (Org.). **Didática da Educação Física**. Ijuí/RS: Unijuí, 2002. v.2.

____. **Educação Física: ensino & mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

MATURANA, H. R. & VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Atenas, 2004. (Original espanhol, 1993).

MATURANA, H. R. Conversações matrísticas e patriarcais. In: MATURANA, H. R. & VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Atenas, 2004. p.29-115. (Original espanhol, 1993).

MEDINA, J. P. S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**. 2ªed. Campinas: Papirus, 1983.

MOLINA, R. M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, V. & TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999. p.95-105.

NEGRINE, A. Instrumento de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V. & TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999. p.61-93.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Hermenêutica: a arte e técnica da interpretação**. Trad. e apresentação Celso R. Braida. Bragança Paulista: São Francisco, 2003.

VERDEN-ZÖLLER, G. O brincar na relação materno-infantil: fundamentos biológicos da consciência de si mesmo e da consciência social. In: MATURANA, H. R. & VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Atenas, 2004. p.123-216. (Original espanhol, 1993).